



UNILAB

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA**

INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS – CAMPUS DOS MALÊS

CURSO BACHARELADO EM HUMANIDADES

CAMILA ALVES ROSA SANTOS

**VADEIA NEGRXS, DEIXA VADIAR: CAPOEIRA, RESSIGNIFICAÇÃO
E PROCESSOS EDUCATIVOS – UM ESTUDO DE CASO NO CENTRO
CULTURAL DE CAPOEIRA LENDÁRIO DE PALMARES,
SERRINHA/BA**

São Francisco do Conde – BA

2018

CAMILA ALVES ROSA SANTOS

**VADEIA NEGRXS, DEIXA VADIAR: CAPOEIRA, RESSIGNIFICAÇÃO
E PROCESSOS EDUCATIVOS – UM ESTUDO DE CASO NO CENTRO
CULTURAL DE CAPOEIRA LENDÁRIO DE PALMARES,
SERRINHA/BA**

Trabalho de Conclusão de Curso, monografia apresentada à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Campus dos Malês/BA, Instituto de Humanidades e Letras, como requisito para obtenção do grau de Bacharela em Humanidades.

Orientador: Bruno Amaral Andrade

São Francisco do Conde – BA

2018

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

S234v

Santos, Camila Alves Rosa.

Vadeia negrxs, deixa vadiar : capoeira, ressignificação e processos educativos - um estudo de caso no Centro Cultural de Capoeira Lendário de Palmares, Serrinha/BA / Camila Alves Rosa Santos. - 2018.

73 f. : il. color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2018.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Amaral Andrade.

1. Capoeira - Serrinha (BA) - História. 2. Serrinha (BA) - Educação. I. Centro Cultural de Capoeira Lendário de Palmares - Programas de atividades. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 796.8142

Ficha catalográfica elaborada por Bruno Batista dos Anjos, CRB-5/1693

CAMILA ALVES ROSA SANTOS

**VADEIA NEGRXS, DEIXA VADIAR: CAPOEIRA, RESSIGNIFICAÇÃO
E PROCESSOS EDUCATIVOS – UM ESTUDO DE CASO NO CENTRO
CULTURAL DE CAPOEIRA LENDÁRIO DE PALMARES,
SERRINHA/BA**

Trabalho de Conclusão de Curso, monografia apresentada à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Campus dos Malês, Instituto de Humanidades e Letras, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Humanidades.

Data de aprovação: 20/10/2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Bruno Amaral Andrade (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia Gomes de Souza

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof.^a Dr.^a Cristiane Santos Souza

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Com muito amor, carinho e saudades, dedico este trabalho à memória do homem mais importante da minha vida: Tomaz Rosa, meu avô.

AGRADECIMENTOS

Salve! Primeiro, gostaria de agradecer ao ser de Luz Criador deste universo, pela permissão a mim concedida em habitar neste lugar. A toda ancestralidade que se faz presente em mim, herdada das minhas e meus mais velhos.

A minha mãe Joanice Alves Rosa, que mesmo com todas as dificuldades e saudades do seu bebê (como me chama), me deixou voar até a Unilab. A Cláudio Matos (Kadinho), pelo incentivo e apoio e por estar sempre ao lado da minha mãe e ao meu lado.

Aos meus avós Tomaz Rosa (em memória) e Margarida Alves Rosa, por serem TUDO na minha vida, por terem me incentivado ao voo sempre que tive medo, por todos os ensinamentos, carinhos e afetos, motivação, inspiração, e tantas outras coisas boas que nem consigo transcrever aqui nestes espaços.

Ao meu tio Edson, por ter me apresentado à capoeira ainda na infância e me estimulado a permanecer nela. Gratidão demais viu!

A minha amiga, irmã e comadre Jéssica Muniz, por ter me reinserido na capoeira depois de alguns anos, e por ter sido sempre a minha parceira de treino, de risos, de momentos bons e ruins, minha irmã de vida.

A capoeira, ao seu axé, ao seu dendê, mandinga, malícia, manha, malandragem e tudo de bom que nela há, por ter me escolhido e estar sempre presente na minha. Eu sou sortuda, por ser escolhida!

Ao Centro Cultural de Capoeira Lendário de Palmares, que me acolheu na realização desta pesquisa. Gratidão a todas as irmãs e os irmãos desta casa, em especial à Diomedes Raimundo (contra-mestre Júnior) que me recebeu de braços abertos nesta casa desde o ano de 2011 quando me tornei membra do CCCLP, sendo meu segundo pai. Para você, muito respeito meu contra e muita gratidão!

Ao projeto de Extensão Biblioteca Náutica na Baía de Todos os Santos, que desde o momento ao qual cheguei nesta casa, me acolheu e me ajudou a suportar e superar muitas barras.

As carinhosas, Cristiane Souza (pró Cris) e Helka Ramos (Hel) por sempre me escutarem e aconselharem nos meus momentos de tristeza e de alegrias também! Fala devagar Camila, uma coisa por vez...

A William Nascimento, pela paciência, suporte, carinho, amor e afeto que pudemos trocar durante esta caminhada.

As colegas discentes da Unilab que se fazem presentes na minha vida, e a todas as pessoas que contribuíram de alguma forma para a concretização deste trabalho. Gratidão!

Axé!

**"Eu sou Lendário, sou guerreiro, sou valente e o meu povo
ainda sente, o chicote do feitor."**

Centro Cultural de Capoeira Lendário de Palmares, 2009.

RESUMO

Esta monografia consiste no Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Humanidades, pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Nesta pesquisa, são apresentados os resultados das investigações que foram realizadas através de levantamento bibliográfico acerca do tema, bem como também fundamentado nas histórias orais e experiências empíricas das pessoas entrevistadas e observadas que contribuíram imensamente com esta pesquisa. O objetivo dessa pesquisa consiste em, analisar como se dá esse processo educativo de formação dos indivíduos inseridos no universo da capoeira, e como esses processos relacionados à capoeira são aplicados nas relações interpessoais dentro da sociedade. A orientação metodológica desta pesquisa é de cunho qualitativo, no trabalho de campo utilizou-se a etnografia associada com entrevistas estruturadas com capoeiristas do Centro Cultural de Capoeira Lendário de Palmares. Através dos resultados alcançados neste trabalho, espera-se qualificar o conhecimento acerca do tema e contribuir com as pesquisas que envolvem a trajetória histórica da capoeira na sociedade brasileira, e o processo educativo que ela proporciona aos indivíduos.

Palavras-Chave: Capoeira - Serrinha (BA) - História. Centro Cultural de Capoeira Lendário de Palmares - Programas de atividades. Serrinha (BA) - Educação.

ABSTRACT

This monograph consists of the Completion Work of the Bachelor's Degree in Humanities, by the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony. In this research, we present the results of the investigations that were carried out through a bibliographical survey about the subject, as well as based on the oral histories and empirical experiences of the people interviewed and observed who contributed immensely with this research. The objective of this research is to analyze how this educational process of formation of the individuals inserted in the universe of capoeira occurs, and how these processes related to capoeira are applied in the interpersonal relations within the society. The methodological orientation of this research is qualitative, in the field work the ethnography associated with structured interviews with capoeiristas of the Capoeira Cultural Center Lendário de Palmares was used. Through the results achieved in this work, it is expected to qualify the knowledge about the subject and to contribute with the researches that involve the historical trajectory of capoeira in the Brazilian society, and the educational process that it provides to the individuals.

Keywords: Capoeira Cultural Center Lendário de Palmares - Programs of activities. Capoeira - Serrinha (BA) - History. Serrinha (BA) - Education.

RESUMEN

Esta monografía consiste en el trabajo de conclusión del curso de Bachillerato en Humanidades, por la Universidad de la Integración Internacional de la Lusofonía Afro-Brasileña. En esta investigación, se presentan los resultados de las investigaciones que se realizaron a través del levantamiento bibliográfico sobre el tema, así como también fundamentado en las historias orales y experiencias empíricas de las personas entrevistadas y observadas que contribuyeron inmensamente con esta investigación. El objetivo de esta investigación consiste en analizar cómo se da ese proceso educativo de formación de los individuos insertados en el universo de la capoeira, y cómo esos procesos relacionados a la capoeira se aplican en las relaciones interpersonal dentro de la sociedad. La orientación metodológica de esta investigación es de cuño cualitativo, en el trabajo de campo se utilizó la etnografía asociada con entrevistas estructuradas con capoeiristas del Centro Cultural de Capoeira Legendario de Palmares. A través de los resultados alcanzados en este trabajo, se espera calificar el conocimiento acerca del tema y contribuir con las investigaciones que involucren la trayectoria histórica de la capoeira en la sociedad brasileña, y el proceso educativo que ella proporciona a los individuos.

Palabras-clave: Capoeira - Serrinha (BA) - Historia. Centro Cultural de Capoeira Legendario de Palmares - Programas de actividades. Serrinha (BA) - Educación.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 HISTORICIZANDO A CAPOEIRA NA SOCIEDADE BRASILEIRA	18
2.1 O SÉCULO XVIII E OS NEGROS NAS GRANDES CAPITALS	22
2.2 O SÉCULO XIX E AS MALTAS DE CAPOEIRA	24
2.3 A METODIZAÇÃO EM VOLTA DA CAPOEIRA NO SÉCULO XX	34
2.4 A CAPOEIRA DO SÉCULO XXI MALANDRAGENS E CONFLITOS	41
3 A CAPOEIRA E AS RESSIGNIFICAÇÕES	43
4 A CAPOEIRA E SEUS PROCESSOS EDUCATIVOS	49
5 MINHA CASA, MINHA VARANDA, MEU DENDÊ: O TRABALHO DE CAMPO NO CCCLP	52
5.1 AS OBSERVAÇÕES NO TRABALHO DE CAMPO	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	74

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa nasce a partir do interesse da pesquisadora pelo fantástico mundo da capoeira.

Atualmente a capoeira se faz presente em diversos locais do mundo, de acordo com Vidor e Reis (2013) ela está sendo praticada atualmente em 170 países. Por excelência, tornou-se uma das maiores difusoras da língua portuguesa no mundo, e tem a capacidade de agregar diversas nacionalidades, religiões e crenças, classes sociais e demais agrupamentos humanos envolvidos com a história e cultura africana e afro-brasileira.

Vale ressaltar que a capoeira se vincula a fatos e episódios históricos presentes durante todo o processo de formação deste país, desde o século XVI quando através das grandes navegações os portugueses se instalaram neste solo brasileiro, iniciando o processo de colonização no Brasil, atrelado na diáspora forçada dos negros e negras das diversas regiões do continente africano, onde começou-se toda a historicidade da capoeira em território brasileiro, até os dias atuais.

Segundo Estanislau (2015), no início deste processo, a capoeira ainda não possuía esta nomenclatura que se têm hoje, mas com o passar dos séculos ela foi se transformando e os negros africanos foram adaptando-se a essa nova terra, com a dura realidade que permeava não somente o seu corpo físico, mas também a esfera psicológica dessas pessoas.

Existem diversas narrativas acerca da sua origem e da sua nomenclatura, Assunção (2012) sobre a origem da capoeira, diz que ela seria derivada do n'golo¹, essa narrativa foi disseminada pela primeira vez através do pintor Albano Neves e Sousa durante as décadas de 1950 e 1960, esta é apenas uma das narrativas existentes sobre isso. Ainda sobre as supostas origens da capoeira, Pires (2010, p.02) afirma que as disputas por estas narrativas iniciaram-se a partir dos intelectuais no final do século XIX, e que isto gerou divergências neste contexto social, segundo Pires (2010) Plácido de Abreu e Silvio Romero foram intelectuais

¹ Jogo de combate angolano.

que estavam pesquisando e disseminando estas narrativas, Plácido de Abreu em suas pesquisas segundo Pires, buscava expor que a origem da capoeira era fortemente ligada aos laços africanos, desta forma ajudando no processo de construção simbólico dessas identidades. Já Silvio Romero, segundo Pires (2010), buscava dissociar a ideia da associação da cultura africana dentro da capoeira, afirmando que a capoeira seria a prática genuinamente brasileira.

Sua origem concreta de fato, não se pode afirmar com exatidão, porém é válido dizer que ela é fruto das experiências dos negros africanos e afro-brasileiros neste solo brasileiro.

Até os dias atuais, a capoeira se faz presente na nossa sociedade, ela foi e é uma forma de lutar, resistir contra as opressões. Para cada momento histórico do país, desde o Brasil Colônia até os dias atuais é possível encontrar fortemente a presença da capoeira, seja em documentos sobre vadiagem, no próprio Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil, como em relatos de mais velhos, músicas, fotografias e etc. Trata-se de uma arte que foi criminalizada, depois visibilizada como esporte nacional e, atualmente, também reconhecida como Patrimônio Imaterial Brasileiro e da Humanidade.

Mesmo com a criação da Lei 10.639/2003 que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira nas escolas, as práticas culturais africanas e afro-brasileiras ainda passam por um processo denso de invisibilidade e opressão na sociedade, muitas vezes por desconhecimento dessas culturas e outras vezes por uma forte rejeição de determinadas classes sociais.

A capoeira assim como outras manifestações culturais ainda passa por graves problemas sociais, desde o processo da pós-abolição da escravidão até os dias atuais, onde os estigmas racialistas e racistas em volta dela, as associações negativas que são feitas a esta expressão corporal, e até mesmo a marginalização que gira em torno desse contexto sociocultural da capoeira. Sobre este fator, vejamos Falcão (2006, p. 68):

A principal luta do capoeira, nos dias de hoje, não deve ser contra determinado feitor, individualmente, como acontecia antigamente, tampouco, contra outros praticantes de capoeira. A luta do capoeira, nos dias de hoje, deve ser contra todo e qualquer tipo de opressão,

discriminação, e pela construção de uma sociedade mais justa, livre e democrática.

Corroborando com a ideia de Falcão, faz-se mais que necessário à luta da capoeira nos dias atuais contra todas as formas de opressões, inferiorizações, luta contra o racismo, sexismo, homofobia, e demais injustiças sociais que infelizmente ainda permeiam a nossa sociedade.

Dessa maneira a capoeira ainda é vista em alguns locais como algo “exótico”, ou seja, infelizmente ela acaba sendo folclorizada, onde apenas em datas específicas como o treze de maio, a data do folclore, ou até mesmo na data da consciência negra, os grupos de capoeira são convidados para realizarem apresentações em espaços escolares e demais locais e, além disto, também podem considera-la apenas como prática desportiva, esquecendo-se da sua multidisciplinaridade que engloba os aspectos físicos bem como a sua parte pedagógica que contribui de diversas formas para a aprendizagem do aluno e possibilita a troca mútua entre os envolvidos nesse processo de ensino-aprendizagem.

A partir do contato pessoal da autora com esta manifestação cultural que engloba o jogo, a arte, luta, e demais aspectos socioculturais, e a percepção sobre processo educativo proporcionado pela capoeira, que em muitos casos ainda continua sendo invisibilizado, surge à necessidade de realizar a presente pesquisa nesta área com a finalidade de expor que a capoeira não se restringe apenas à cultura do movimento em si, mas também, ela é formação educativa crítica e emancipatória para os indivíduos.

O formato desta pesquisa é de cunho qualitativo, no trabalho de campo, utilizou-se a etnografia associada com entrevistas semiestruturadas com capoeiristas do Centro Cultural de Capoeira Lendário de Palmares. Estes métodos foram escolhidos de acordo a proposta qualitativa deste trabalho, objetivando colher informações através das subjetividades e experiências de vida expressadas pelos capoeiristas que foram entrevistados (as) no local do trabalho de campo.

Através dos resultados alcançados neste trabalho, espera-se que as pessoas obtenham mais conhecimento sobre a trajetória histórica da capoeira na sociedade

brasileira, e o processo educativo que ela oferta aos indivíduos, bem como que possa servir de impulso para que pesquisadores venham a intensificar pesquisas nesta área.

Levando em conta que a capoeira é um viés para além da prática cultural/esportiva, ela proporciona a inclusão social como fortalece o vínculo das relações interpessoais aos indivíduos que estão inseridos em sua prática. Então sobre esta questão, surge o seguinte problema: a capoeira pode contribuir com os processos de formação do indivíduo para a sociedade? Esta pesquisa objetiva investigar essa hipótese.

O objetivo geral está centrado em: analisar se a experiência sociocultural da capoeira pode contribuir com os processos educativos dos seus praticantes, os objetivos específicos permeiam em: 1) explorar como acontece a prática laboral das aulas de capoeira no Centro Cultural de Capoeira Lendário de Palmares; 2) identificar a(s) metodologia(s) que este grupo social utiliza para transmitir os ensinamentos aos seus praticantes; 3) analisar se as experiências da capoeira estão ligadas as formas como estes indivíduos se relacionam dentro da sociedade.

Esta pesquisa contribui diretamente para tornar público o conhecimento sobre o processo educativo da capoeira e como ele se insere na sociedade.

O referencial teórico desta pesquisa foi baseado nos livros CAPOEIRA, IDENTIDADE E GÊNERO (2009), CAPOEIRA Uma herança cultural afro-brasileira (2013), Capoeira na Escola (2001), Capoeira na Universidade (2001), Pensando a Capoeira Dimensões e Perspectivas (2015), para além de outros materiais bibliográficos de auxílio a esta temática, materiais que trazem informações sobre o processo social da capoeira no Brasil a partir do século XVI até os dias atuais. Tudo começa a partir da roda de capoeira, onde existe uma ligação de pertencimento, a presença da ancestralidade que é sentida por alguns, a relação de igualdade perante todos que estão na roda como também a inclusão social que a capoeira proporciona aos indivíduos. Sobre isto, Vidor e Reis (2013, p.12), afirma que:

Os capoeiristas, ao formar a roda, recriam o mundo. Tomam para si, em um espaço simbólico, um tempo coletivo, no qual se redescobre a poética da vida, suas nuances, os seus momentos de maior e menor agitação. Os capoeiristas jogam, vadiam (como diziam os antigos), mas também brincam,

“mandingam”. A luta, dessa maneira, não é agressiva em sua essência, mas nem por isso deixa de ser perigosa e eficaz.

Esta afirmação de VIDOR mostra que a capoeira se apresenta em diversos aspectos, onde ao mesmo tempo em que ela é luta, também pode ser brincadeira, porém ela deixa explícito que mesmo na brincadeira, a capoeira é perigosa e que é necessário sempre estar atenta (o) na prática da capoeira. Pois a capoeira logo no seu início nas terras brasileiras objetivava lutar contra o feitor, lutar contra as opressões, e também era uma forma de defesa, através dos balanços e gingados que o corpo é capaz de realizar.

Ainda sobre a roda de capoeira, Falcão (2006, p. 87-88) expõe que:

A roda de capoeira é um fato social, podendo, inclusive, acontecer em qualquer lugar e ocasião, independente de ter sido ou não prevista. Na verdade, a roda de capoeira é contrução [sic] social ambígua, onde não se opera apenas no concreto, mas, também, a partir de construções abstratas, de questões que, aparentemente, não se percebem. “Pra melhorar a visão de capoeira, você tem que correr roda, não pode marcar bobeira”, diz um trecho de um conhecido cântico de capoeira. [...] É importante notar que, na roda de capoeira, a oralidade e a corporeidade se interagem, resultando numa riquíssima relação.

O autor deixa explícito que a roda de capoeira perpassa o viés das práticas físicas, ela engloba também as subjetividades de cada praticante que encontra-se inserido na roda, e que além dos diálogos orais existem os diálogos corporais, onde estes fatores são de extrema importância para aquele momento, ressaltando também que há jogos não verbais que se dão através de mensagens transmitidas na roda, seja por um toque, por olhares, e etc.

2 HISTORICIZANDO A CAPOEIRA NA SOCIEDADE BRASILEIRA

A partir do século XVI os invasores europeus começaram a realizar aventuras pelo mar do oceano Atlântico, estas aventuras ficaram conhecidas como as grandes

navegações, que objetivavam descobrir novas coisas, as famosas especiarias e também descobrimentos de territórios. Nesta brincadeira, este “descobrimento” já estava centrado em 22 de abril de 1500, ou mais especificamente século XVI. Esta terra farta possui inúmeras matas, água, animais, recursos naturais, como irá se chamar? Olha que árvore grande forte, esta madeira pode ser utilizada para muitas coisas, parece um Pau Brasil. Brasil, então iremos chamar esta terra de Brasil, em primeiro momento, os colonizadores europeus não possuíam interesse em habitar o solo brasileiro para fazer morada. O objetivo era apenas realizar a exploração dos seus recursos.

Segundo o historiador Fúlvio de Barros Pinheiro Machado (2003), em 1532 já no século XVI, Martim Afonso de Sousa² foi a primeira pessoa oficialmente a trazer as mudas de cana de açúcar para o Brasil, iniciando o cultivo na capitania de São Vicente. A partir deste cultivo canavieiro, era necessária a presença de pessoas para trabalharem na lavoura, os europeus a priori tentaram utilizar os indígenas encontrados neste território para que fossem realizados os trabalhos braçais na lavoura da cana de açúcar, mas posteriormente realizaram a incorporação de outra mão de obra, que não era europeia é claro, para a realização dos trabalhos com a cana. A partir daí, começou o processo de escravização de pessoas oriundas do continente africano para então trabalharem forçadamente nas lavouras de cana de açúcar.

Tudo começou assim:

Navio negreiro
Tumba flutuante
Terra mãe distante
Dor e desespero

Navio negreiro

Segue a nau errante
Singrando saudades,
África distante
Ouça meus cantares

Navio negreiro

Mãe que perde o filho

² Martim Afonso de Sousa foi um nobre, militar e administrador colonial português. Foi o primeiro donatário da Capitania de São Vicente e governador da Índia.

Rei perde rainha
Povo perde o brio
Enquanto definha

Navio negreiro...
(Mestre Toni Vargas)

Os povos africanos foram trazidos do seu continente nesta diáspora para o Brasil no processo de escravização, para trabalharem na monocultura inicialmente da cana de açúcar, e daí por diante iniciou-se uma longa jornada dolorosa e sofrida para essas pessoas, pois os colonizadores desconsideravam a humanidade destes seres humanos, a todo o momento foram tratados como sub-humanos, sem alma, e segundo a visão europeia, os negros eram ótimas ferramentas para o trabalho braçal, duro e subordinado.

Neste período da história, acontecia o processo de mudança e absorção de novas culturas dos povos, uma mistura dos povos negros com povos indígenas e o povo europeu, esses processos ocasionaram violências epistemológicas para além das violências físicas que são retratadas nas histórias.

Diante de tudo isso, os negros e negras diáspóricos, forçados ao processo de aculturação, conseguiram transportar e manter os conhecimentos, as filosofias, as tradições existentes no seu continente, que foram ressignificados na diáspora, permitindo lembrar e sonhar com seus locais de origem, e neste meio tempo como forma de aliviar o banzo³ da sua terra natal, encontravam nas recordações, uma das formas de alívio da dor e o do sofrimento.

Através das músicas e das danças de sua terra, numa mistura de danças tradicionais da cultura africana e outros elementos afro-brasileiros, a capoeira ia disfarçando a sua luta através das danças, com palmas, músicas, e era uma das formas de resistência deste povo. Sobre a dança, vejamos a afirmação de Petit (2015, p.74), a seguir:

A dança também é o que nos faz transcender a dor, a angústia, a injustiça, a humilhação, a tentativa de redução e aniquilamento, lembrando-nos de quem somos, gerando a força espiritual que engrandece, potencializa e sacraliza. Para as negras e negros desterrados brutalmente da África para as Américas e cujos algozes procuraram por todos os meios de destituir a humanidade, a dança foi um elo indispensável à sobrevivência física e

³ Saudade.

espiritual. Assim, para nós, descendentes desses povos, a dança significa mais do que filosofia e cosmovisão, significa existir.

Imbuída com estes elementos acima mencionados, a capoeira se misturava, mantinha o disfarce, e continuava a crescer e resistir.

Conforme Ferreira (2014, p. 9), “a capoeira é originária da experiência sociocultural de africanos e seus descendentes no Brasil”. Corroborando com esta ideia, até o momento não se pode comprovar especificamente a origem da capoeira como puramente africana ou brasileira, mas é possível compreender que independente de qualquer coisa, ela foi e é uma potente ferramenta de resistência.

Após esta instalação dos africanos no Brasil, a colônia portuguesa continuou o processo de implantação de novos engenhos de cana e o fluxo de africanos para as terras brasileiras só aumentavam, os europeus utilizavam diversas estratégias para manter os africanos no trabalho escravo sob dominação da colônia portuguesa, foram castigados, humilhados e violentados.

Eis que fuge um, dois, três e assim sucessivamente, e vão se formando em meio às matas fechadas pequenas organizações de negras e negros fugidos que conseguiam formar pequenas comunidades, onde era necessário realizar a proteção de todos, e na tentativa de recomeçar uma nova vida. Pelo menos na mata fechada, por algum momento estavam juntos, em segurança, em comunidade, comunidades essas que foram surgindo em diversos locais do país, como lugares de refúgio denominados de quilombos.

Nos quilombos era possível retirar da terra a subsistência daquelas pessoas, e também era possível relembrar e reproduzir algumas das suas práticas culturais, sociais e religiosas.

Segundo a historiadora Juliana Bezerra (2018), o quilombo mais conhecido da história foi o Quilombo dos Palmares, que foi iniciado no ano de 1580. Há muitas histórias orais sobre as primeiras lideranças de Palmares, uma delas é a versão sobre Acotirene, citada pelo MURAL MEMÓRIA DAS MULHERES NEGRAS (2014) sob organização de Emília Jomalinis, há uma afirmação onde diz que Acotirene foi à matriarca do Quilombo dos Palmares, sendo uma das primeiras mulheres a habitar a região quilombola na Serra da Barriga, estado de Alagoas onde basicamente Palmares se localizava em extensão geográfica. Acotirene exercia diversas funções, principalmente as que estavam direcionadas as estratégias de luta dos quilombolas.

Segundo Estanislau (2015), é a partir do século XVII por volta de 1680 com a morte do então líder do Quilombo naquele período Ganga Zumba, que Palmares começa a passar por diversas transformações sociais e políticas, a partir da morte de Ganga Zumba o seu sobrinho Zumbi dos Palmares assumiu a liderança do Quilombo e foi uma das peças importantes para a história da resistência negra em Palmares, no Brasil e no mundo.

Em fevereiro de 1695 em uma emboscada, Zumbi foi capturado e em 20 de novembro do mesmo ano ele foi morto. Por conta disto, atualmente com a Lei Nº 12.519, DE 10 DE NOVEMBRO DE 2011, o dia 20 de novembro é instituído como dia nacional de Zumbi e da Consciência Negra.

2.1 O SÉCULO XVIII E OS NEGROS NAS GRANDES CAPITALS

Oi nego pego bala de café
Oi nego trago o filho e a mulher

Chico mineiro vivia no seu terrero [sic] a cantar
O dia inteiro canto de lamentação
Do sofrimento que passava na senzala
Como trabalhava o nego no tempo da escravidão

Oi nego pego bala de café
Oi nego trago o filho e a mulher

Oi nego pego bala de café
Oi nego trago o filho e a mulher

Chico escutava no som do seu berimbau
Cada cana que caia dentro do canavial
Calça rasgada sofrimento o dia inteiro tratado como
Animal dentro do navio negreiro

Oi nego pego bala de café
Oi nego trago o filho e a mulher

Oi nego pego bala de café
Oi nego trago o filho e a mulher
(Grupo Axé Capoeira)

A partir do século XVIII, inicia-se um novo cultivo de lavouras no Brasil: a plantação de mudas cafeeiras.

Além do cultivo de cana de açúcar que já existia no país, o plantio do café foi iniciado sendo mais uma fonte de renda para os donos de terras, além da cana. Este momento do século XVIII foi muito marcado porque além da cana, do café que estava sendo implantado no país e que permanece até os dias atuais como fonte de renda só que em menor escala do que anteriormente, também existiram outras transformações econômicas com o descobrimento de minérios no Brasil com enfoque na cidade de Minas Gerais, e sociais como a migração de negros escravizados e libertos das zonas rurais para as grandes capitais, com a proposta de mercar⁴ para os senhores (para aqueles negros que ainda estavam sendo escravizados) e para a subsistência das negras e negros libertos.

Segundo Estanislau (2015), este período se caracterizou como escravidão urbana, por conta da forte presença de negras e negros nos grandes centros urbanos brasileiros, desenvolvendo diversas funções na sociedade. Nessa época com o grande desenvolvimento econômico para os fazendeiros e donos de comércio, era comum a migração dessas pessoas para as capitais principalmente dos filhos com a finalidade de “estudar na capital” para serem doutores, e posteriormente retornarem a fim de cuidar dos negócios da família.

As funções desenvolvidas pelos negros neste período eram várias, além do trabalho nas lavouras eles também trabalhavam como mestres em artesanatos, mercadores, estivadores, trabalhadores das minas, atividades no ramo agropecuário, tropeiros conduzindo as tropas na maioria das vezes de gado transportando alimentos etc.

Segundo Estanislau (2015, p.03), em 1712 houve o primeiro registro da palavra capoeira no vocabulário Português e Latino, mas até aquele momento o termo não fazia referência à arte-luta. Podemos verificar o registro a seguir:

“CAPOEIRA. Gayola de Gallinhas. Cayea gallinácea.
Capoeira. (Termo da fortificação.) Eſpecie de ceflo muito grande, redondo, & fem fundojeito de ramos entreíachados, & que fe enche de terra bem batida & fe poem em pê, para cobrir, os que fe defendem.
CAPOEIRO. Ladrão capoeiro. Que furta gallinhas na capoeira.”
Fonte: Vocabulario Portuguez, e Latino Rafael Bluteau, Collegio das Artes da Companhia de Jesu (Coimbra), no Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712.

⁴ Fazer comércio, comprar algo para vender/revender.

A respeito destas informações sobre a palavra capoeira, no livro **CAPOEIRA NA ESCOLA**, Campos (2001, p.21), aponta diversos registros sobre o significado da palavra, como poderemos ver a seguir:

Propôs Alencar para o vocábulo Capoeira, o tupi **Caa-Apuam-era**, traduzido por “ilha de mato já cortado”. Henrique Beaurepaire Rohan propôs o tupi **Co-puera**, significando “roça velha”. Para Macedo Soares, o vocábulo vem simplesmente do guarani **Caápuêra**, “mato que foi”, atualmente, “mato miúdo que nasceu no lugar do mato virgem que se derrubou”. J. Barbosa Rodrigues, no século passado, propôs no seu livro *Paranduba Amazonense* a forma **Caapoêra**. Já para o Visconde de Porto Seguro, o termo certo é **Capoêra**.

Atualmente, são quase unânimes os tupinólogos em aceitarem o étimo **Caá**, “mato, floresta virgem”, mais **Puêra**, pretérito nominal que quer dizer “o que foi, e o que não existe mais”.

Outro argumento para o vocábulo é a existência, no Brasil, de uma ave chamada capoeira (**Odontophores Capueira-Spix**) que se acha espalhada por vários estados brasileiros, além de ser também encontrada no Paraguai.

Além destes significados, outros são apontados no mesmo livro onde é relatado que a capoeira significa cesto para guardar capões, então é perceptível que este vocábulo possui diversas informações e significados a respeito, mas gostaria de chamar a atenção para as definições acerca da palavra e suas variações de acordo com o dicionário de Aurélio Buarque de Holanda, Campos (2001, p.22):

Capoeira, s.f. – Terreno em que o mato foi roçado ou queimado para cultivo da terra ou para outro fim. Jogo atlético constituído por um sistema de ataque e defesa (...).

Capoeiragem, s.f – Sistema de luta dos capoeiras.

Capoeirada, s.f. – Conjunto de capoeiristas.

Capoeirano, s.m. – Morador de terras de capoeira.

Estas definições acima mencionadas sobre a palavra são determinantes para este trabalho. É sobre esse jogo-arte-luta de ataque e defesa que irei me ater aqui, a fim de explanar um pouco sobre essa manifestação negra diaspórica. No período do século XVIII, o império caracterizou a capoeira como uma prática corporal perigosa dos negros escravizados, era considerada tão fatal que poderia causar a morte.

Segundo ESTANISLAU (2015, p.04), em 1789 houve a primeira menção oficial desta palavra associada à prática corporal como luta nos registros policiais do Brasil

colonial, com a prisão de um homem negro escravizado identificado apenas como Adão, que foi preso na capital do Rio de Janeiro acusado de ser capoeira.

2.2 O SÉCULO XIX E AS MALTAS DE CAPOEIRA

Segundo informações ofertadas no livro CAPOEIRA, IDENTIDADE E GÊNERO (2009) dos autores Josivaldo Pires de Oliveira e Luiz Augusto Pinheiro Leal, a partir do ano de 1800 a prática da capoeira era predominantemente realizada por negros africanos.

A partir de 1820, segundo Estanislau (2015, p.04) surgiram às primeiras maltas⁵ de capoeira no Império brasileiro, mas somente na metade do século XIX que estas ganharam mais repercussão no país por causa das notícias que situavam estes sujeitos sociais como inimigos públicos. Estas maltas eram compostas por negros, brancos, mulatos, eram organizações sociais as quais lutavam contra as imposições estabelecidas pela república, e segundo Brito (2015, p.27), havia também as diferenças coloniais e os conflitos dos partidos políticos, onde as duas grandes maltas Nagoas e Gaíamúns se dividiam entre o partido conservador e os defensores da abolição.

Em 1810 os donos de escravizados realizavam aluguéis, popularmente conhecidos como: aluguel de escravos, algo que favorecia a geração de renda para quem obtinha essas pessoas escravizadas. Isto em um contexto de crescimento e expansão do comércio no país onde muitas tarefas exigiam a força braçal e os senhores se utilizavam desse pressuposto que os negros africanos eram fortes e por isto poderiam realizar as tarefas demandas pelo sistema, assim eram realizados contratos de aluguéis de escravizados.

Segundo Estanislau (2015, p.04) aponta que no ano de 1820, com as organizações e expansões das maltas de capoeira, a república não conseguia controlar estas práticas presentes na capital do Rio de Janeiro, e como tentativa de

⁵ Maltas eram coletividades de capoeiras do Rio de Janeiro que tiveram seu auge na segunda metade do século XIX.

As duas maltas mais conhecidas eram: Os Nagoas e os Guaiamús.

eliminação dessas práticas, aumentaram a repressão à capoeira e as manifestações africanas e afro-brasileiras, sob a alegação de estarem ameaçando a ordem do país, por conta de serem concebidas como práticas vadias, algo que provocava.

Estanislau (2015, p.05) expõe que no ano de 1828, com a Revolta dos Mercenários, assim como no ano de 1860 com a Guerra do Paraguai, o Império convocou os capoeiristas daquele período a fim de ajudarem o país a vencer estas batalhas.

Mesmo com a contribuição destes capoeiristas nessas batalhas importantes, o império continuava a reprimir as suas práticas laborais e sociais. Durante esses momentos o berimbau da capoeira tem uma grande importância nessas práticas da capoeira, dando sonoridade e ritmo a prática, mas também disfarçava e avisava quando a cavalaria estava se aproximando.

Uma das características dos capoeiristas pertencentes às maltas era a inserção de armas na prática da capoeira, a mais conhecida de todas era o uso da navalha que as maltas tinham o domínio, escondiam muitas vezes nos pés e/ou nas mãos como elementos de surpresa que favoreciam na derrota do inimigo, a bengala também era uma das armas utilizadas pelas maltas, nestas inserções há uma presença da cultura portuguesa no uso destas armas, que foram inseridas no universo dos capoeiristas das maltas.

Esta presença da cultura portuguesa nas maltas se deu através do processo de imigração que aconteceu no Brasil durante os períodos de colônia até o republicano, com enfoque na época da república do século XIX, gerando desta forma um intercâmbio cultural entre portugueses fadistas e os capoeiras cariocas. Soares (1997, p.689) aponta que o fadista português, era um personagem destacado da marginalidade do século XIX, e que tanto o capoeira quanto o fadista eram subprodutos de uma sociedade urbana com uma prevalência de desigualdade social e violência, e sujeitos a este cenário, sobravam-lhes apenas a marginalidade.

Nas maltas de capoeira, onde acontecia a intersecção cultural entre africanos, afro-brasileiros, portugueses, e demais pessoas de outras nacionalidades, como expõe Soares (1997), era também uma maneira na qual estas pessoas buscavam inserção e aceitação neste grupo social, visto que na maioria das vezes estavam

excluídos pela sociedade em detrimento da classe social a qual pertenciam. A respeito disto, veremos Soares (1997, p.696-697):

É bem verdade que muitos fadistas já vinham <<formados>> [sic] da terra e, pela experiência adquirida nos grandes centros, como Lisboa e Porto, estavam mais tarimbados para enfrentarem as vicissitudes da grande metrópole. Mas tanto um como o outro convergiam para as maltas em busca da solidariedade e da socialização que lhes era negada pelos compatriotas abastados e pelo Estado repressor. O português capoeira não só se adaptou ao novo mundo que surgia à sua frente, como também influenciou esse mundo; talvez o maior sinal da presença lusa na capoeira esteja na generalização da navalha como símbolo desta nas últimas décadas do século.

Enquanto a capoeira era limitada pela condição escrava na primeira metade do século XIX, o uso da navalha era tão comum como estoques, pedras ou qualquer outro instrumento de agressão. O símbolo da capoeira, que funcionava como sinal de habilidade típica, era a cabeçada, descrita por algumas autoridades como <<a principal arma do capoeira>>.

A navalha, que por volta de 1890 era o estereótipo da capoeira, tanto que o seu simples porte já atribuía ao seu portador o estigma de <<capoeira>>, tinha sido no Portugal dos fadistas também um símbolo.

Soares aponta que houve a presença da cultura portuguesa nas maltas, através da inserção da navalha, e que também houve as trocas culturais, para além das experiências sociais destes indivíduos é válido expor também que este processo de penetração portuguesa nas maltas contribuiu para o fortalecimento das maltas de capoeira. Embasada neste cenário das maltas, surgiram diversas histórias contadas e cantadas, e sobre o canto da capoeira, gostaria de expor uma música sobre essa intersecção cultural que aconteceu neste período na capoeira:

O corte da navalha

Diziam os antigos que o Capoeira era temido
 Mandingueiro vadiava, andava armado, era bandido
 Mas dentro do bolso, esse cabra danado escondia
 Uma navalha afiada, verdade falsidade existia
 O corte da navalha quando acerta no peito nunca falha
 Corte da navalha quando acerta no peito nunca falha
 Corte da navalha quando acerta no peito nunca falha
 Oi o corte..

Corte da navalha quando acerta no peito nunca falha
 Meia lua, cabeçada, martelo no alto meu irmão
 Capoeira deu rasteira e botou malandro no chão
 Mas depois do jogo um sorriso e um aperto de mão
 Por trás, um olhar maldoso dizia que vai ter traição

Oi o corte..

Corte da navalha quando acerta no peito nunca falha
 Da navalha

Corte da navalha quando acerta no peito nunca falha
 Oi o corte..

Corte da navalha quando acerta no peito nunca falha
 Da navalha

Corte da navalha quando acerta no peito nunca falha
 Na boca da noite o Capoeira se divertia

Oi Bahia, com tantas mulheres com tanta bebida se esquecia

Voltando cansado pela madrugada, o Capoeira
 Nem mais se lebrava, que derrubou um na rasteira
 Oi cuidado, um golpe de navalha clareou na escuridão,
 Com o peito sangrando, um homem caía ao chão
 e um Berimbau tocava Lamento e a Cavalaria
 Foi mesmo vingança maldade nas rodas Bahia

Oi o corte..

Corte da navalha quando acerta no peito nunca falha
 Da navalha

Corte da navalha quando acerta no peito nunca falha
 Oi o corte..

Corte da navalha quando acerta no peito nunca falha
 Eh Bahia

Corte da navalha quando acerta no peito nunca falha
 (Associação Capoeira Lagoa Azul)

Nesta música, podemos notar a intersecção cultural, onde há a presença da navalha inserida no mundo da capoeira pelos fadista, como apontou Soares (1997), mas também podemos perceber a forte presença da cabeçada, elemento surpresa e perigoso da capoeira.

No ano de 1889, iniciava-se a Primeira República e com ela mais repressões contra a capoeira, segundo Oliveira e Leal (2009) no livro CAPOEIRA, IDENTIDADE E GÊNERO, a capoeira sempre estava associada ao mundo do crime, prevalecendo assim, a sua criminalização jurídica e a consequente marginalização social. Praticar a capoeira era visto como um ato de degeneração e injúria social, isto estava diretamente relacionado às teorias racialistas e racistas que buscavam justificar a escravidão e a inferioridade dos negros e negras diante dos brancos e brancas que constituíam a sociedade brasileira, e isto infelizmente ainda encontra-se presente até os dias atuais. Estas teorias racistas oriundas do racismo científico que apoiado pela ciência afirmava a existência de hierarquias através dos processos biológico sobre as “raças” humanas, esta teoria disseminada pela ciência com forte presença da Europa e dos Estados Unidos da América, buscavam universalizar essa hierarquização para que assim pudessem classificar a humanidade e dividir as classes sociais.

No Brasil, a partir do século XIX as elites buscavam criar uma identidade para a nação brasileira, onde este projeto para a nova nação ligava-se diretamente as ideias da modernidade. Como o país estava constituído na sua maioria por negros e mestiços, isto tornava o Brasil como um país inviável segundo Amorim (2014, p.65), por causa da composição miscigenada que não permitia a evolução desta sociedade. Ainda sobre isso, Amorim (2014, p.65) aponta que:

Restava aos intelectuais comprometidos com o projeto das elites de alcançar essas utopias assegurarem um lugar para o Brasil entre as grandes nações mundiais. A saída encontrada por uma parcela destes pensadores, como veremos, consistirá na invenção de uma nação homogênea a partir da relativização da degeneração da mestiçagem garantindo, ao mesmo tempo, um futuro branco para o país.

Nesta citação Amorim expõe que as elites do país naquele período almejavam o crescimento do país, porém visualizavam os negros, mestiços e também as populações indígenas como seres que só atrasavam este processo de crescimento

da sociedade. Amorim (2014, p.68) relata que as primeiras teses racialistas do Brasil foram disseminadas pelo francês Conde de Gobineau (1816-1882), durante um período inicial de 15 meses. Nestas teorias, o Conde enfatizava a suposta superioridade da raça ariana sobre a população negra brasileira, afirmando que havia uma degeneração racial e social com os negros africanos e afro-brasileiros que eram carentes de civilização e impossibilitados de alcançá-la algum dia.

Essas reproduções racializadas realizadas no Brasil por Gobineau, aceleraram o crescimento do processo racista que já existia no país, e isto só piorava a situação da população negra no cenário social do Brasil. Mesmo com as produções de grandes intelectuais brasileiros na Primeira República á exemplo de Gilberto Freyre (1900-1987), que confrontavam essas teorias racistas, infelizmente até os dias atuais o país ainda sofre o efeito do racismo e de todas as ideologias que o acompanham.

A respeito da bondade da princesa Isabel, veremos a seguir a letra de uma música do compositor e mestre de capoeira Antônio César de Vargas, mais popularmente conhecido como Mestre Toni Vargas:

lêê
 Dona Isabel que história é essa?
 Dona Isabel que história é essa
 Oi ai ai!
 de ter feito abolição?
 De ser princesa boazinha que libertou a escravidão
 To cansado de conversa
 to cansado de ilusão
 Abolição se fez com sangue
 Que inundava este país
 Que o negro transformou em luta
 Cansado de ser infeliz
 Abolição se fez bem antes
 E ainda há por se fazer agora
 Com a verdade da favela

E não com a mentira da escola
 Dona Isabel chegou a hora
 De se acabar com essa maldade
 De se ensinar aos nossos filhos
 O quanto custa a liberdade
 Viva Zumbi nosso rei negro
 Que fez-se herói lá em Palmares
 Viva a cultura desse povo
 A liberdade verdadeira
 Que já corria nos Quilombos
 E já jogava capoeira
 Iê! viva Zumbi
 Iê! Rei de Palmares
 Iê! Libertador
 Iê! Viva Meu Mestre
 Iê! quem me ensinou
 Iê! A Capoeira
 (Toni Vargas)

Nesta ladainha⁶, o mestre Toni Vargas relata a sua discordância em relação à versão que é apresentada sobre abolição da escravatura, que coloca a princesa Isabel no centro da história, como peça bondosa e fundamental para a abolição. Ele reforça a força e a luta de resistência da população negra, como fator imprescindível para esse processo.

E no meio daquele contexto de repressão, eis que também no ano de 1889 nasce um menino, que mais à frente seria muito decisivo e importante para a história social do negro e da capoeira no Brasil, em 05 de abril de 1889, no estado da Bahia nasce Vicente Ferreira Pastinha, popularmente conhecido como Mestre Pastinha, uma das figuras importantes no cenário da capoeira no Brasil, com enfoque na capoeira angola.

⁶ Pode ser interpretada como um canto de lamento, de rememoração de antepassados e/ou de afirmação de resistência.

Pastinha foi um dos maiores símbolos de representação da cultura africana e afro-brasileira, e responsável pela criação de uma das maiores organizações de Capoeira Angola na Bahia e no mundo⁷, além de ser um excelentíssimo Mestre de capoeira, Pastinha foi um grande filósofo, podemos verificar um pouco das suas filosofias a seguir:

“Eu me chamo Vicente Ferreira Pastinha. Eu nasci pra capoeira, só deixo a capoeira quando eu morrer. Eu amo o jogo da capoeira. E não há outra coisa melhor na minha vida do que a capoeira.”

Vicente Ferreira Pastinha

Fonte: CENTRO CULTURAL UNIDOS DO FAÍSCA

Capoeira é tudo o que a boca come.

Vicente Ferreira Pastinha

Fonte: CENTRO CULTURAL UNIDOS DO FAÍSCA

Mestre Pastinha faleceu em 13 de novembro de 1981, aos 92 anos de idade, em um abrigo, abandonado pelo poder público e deixando a capoeira de luto. Ele sempre prezava pela expressão corporal da capoeira, bem como a honra, a dignidade e a sensatez. Até os dias atuais, Pastinha é lembrado e homenageado nas rodas de capoeira principalmente entre os adeptos do estilo Angola.

lêêêê

Toda Bahia chorou
Toda Bahia chorou
No dia em que a capoeira Angola
Perdeu seu protetor
Mestre Pastinha foi embora
Oxalá quem o levou
Lá pras terras de Aruanda
Mas ninguém se conformou
Chorou general, menino
Chorou mocinha, doutor
Pretas velhas, feiticeiros
Ogãs e Babalôs
Berimbau tocou iúna
Num toque triste de morte
E a capoeira foi jogada
Ao som da triste canção
Da boca do mandingueiro

⁷ Atualmente o legado da capoeira angola estendeu-se por todos os locais do mundo, principalmente nos Estados Unidos da América, onde atualmente existe o Centro Esportivo de Capoeira Angola, coordenado pelo mestre João Grande.

De dentro do coração
 E não houve na Bahia
 Quem não cantasse esse refrão
 Lê vai lá menino
 Mostra o que o mestre ensinou
 Mostra que arrancaram a planta
 Mas a semente brotou
 E se for bem cultivada
 Dará bom fruto e bela flor...
 (Grupo Abadá)

Essa ladainha reafirma a importância que o Mestre Pastinha tem na história da capoeira, bem como também expõe que muitos capoeiristas e pessoas de outros espaços sociais interligados ao mestre, sentiram imensamente, a grande perda que aconteceu com a partida de Pastinha deste mundo carnal. Porém para os que acreditam na força da ancestralidade, a semente do ancestral Pastinha, permanece viva nos corações de cada um que crê nesta força vital.

Retornando ainda ao contexto da Primeira República, em 11 de outubro de 1890 a Capoeira foi inserida no Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil Decreto nº 847, Artigos 402 e 403, conforme exposto por Oliveira e Leal (2009, p. 198):

402. Fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal conhecido pela denominação de *capoeiragem*; andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temores de algum mal;
 Pena – de prisão celular por dois a seis meses.
 Paragrapho único. É considera circunstancia agravante pertencer o capoeira a alguma banda ou malta.
 Aos chefes ou cabeças, se imporá a pena em dobro.
 Art. 403. No caso de reincidência será applicada ao capoeira, no gráo máximo, a pena do art. 400.
 Paragrapho único. Si for estrangeiro, será deportado depois de cumprida a pena.

As pessoas que fossem presas sob acusação de capoeiragem e/ou vadiação, além de serem trancafiados, segundo Estanislau (2015), eram encaminhados para a Ilha de Fernando de Noronha, onde permaneciam sobre a custódia da justiça.

Nove anos após a inserção da Capoeira no Código Penal, eis que nasce mais um menino que decidiria em um marco histórico o contexto social da capoeira no

Brasil, em 23 de novembro de 1899 nasce Manuel dos Reis Machado também conhecido no mundo da Capoeira como Mestre Bimba.

Bimba além de exercer majestosamente o ofício de Mestre de Capoeira assim como o Mestre Pastinha (citado anteriormente), Vidor (2013, p.50) afirma que o mestre Bimba foi um educador visionário, disciplinador e considerado o primeiro pedagogo da capoeira, e que também criou uma nova modalidade, que afirmou ser derivada das raízes da Capoeira Antiga como afirma SODRÉ (2002), algo depois conhecido como Capoeira Regional.

Vejamos a seguinte música, que corrobora com essa informação:

E Bimba, é Bimba, é Bimba
 E Bimba no berimbau
 Quem zombar do Mestre Bimba
 Na roda var se dar mal
 Coro
 Do batuque de Angola
 Ele criou a Regional
 Coro
 Quem zombar do Mestre Bimba
 Na roda vai se dar mal
 Coro
 Sua fama corre o mundo
 O seu nome é imortal
 Coro
 Me desculpem os outros mestres
 Mas Séu [sic] Bimba é sem igual
 Coro
 Muita gente se promove
 E dele falando mal
 Coro
 Do batuque de Angola
 Ele criou a Regional...
 (Abadá Capoeira)

Essa música expõe com clareza a informação de que mestre Bimba criou a capoeira regional, e a grande importância que o mestre e a modalidade têm para os seus praticantes, também conhecidos por discípulos.

Mais à frente, retomaremos algumas informações sobre mestre Bimba, e sua luta política no cenário brasileiro, em prol da capoeira.

2.3 A METODIZAÇÃO EM VOLTA DA CAPOEIRA NO SÉCULO XX

A partir do século XX, aconteceram diversas transformações na sociedade brasileira, principalmente em relação à capoeira. Em maio de 1909, Segundo Estanislau (2015), aconteceu uma luta entre Francisco da Silva Ciríaco, carregador de café, negro e capoeira, e o japonês Sado Miako, um lutador de jiu-jítsu e instrutor na Marinha Brasileira.

O capoeira com um golpe chamado rabo de arraia, venceu o combate levando o japonês ao chão rapidamente.

Após este episódio, a capoeira começou a ser mais divulgada, como uma luta perigosa e ao mesmo tempo em que despertava a curiosidade de muitas pessoas, também provocava grandes preocupações no governo republicano daquele período, que tentava realizar o “controle social da capoeira”, através das repressões policiais.

Mesmo com toda essa repressão, a capoeira conseguia re(existir) na sociedade brasileira, perpassando por 3 períodos marcantes da sua história, segundo Nestor (2011, p.17 apud Braga e Saldanha 2014, p.15):

ESCRAVIDÃO: A capoeira – uma forma de luta – teria se disfarçado em dança para iludir e contornar a proibição de sua prática por parte dos feitores e senhores de engenho.

MARGINALIDADE: Após a abolição da escravatura, em 1888, ex-escravos capoeiristas não teriam encontrado lugar na sociedade e caíram na marginalidade, levando consigo a capoeira, que foi proibida por lei.

ACADEMIAS: Na década de 1930 foi revogada a lei que proibia sua prática e abriram-se as primeiras academias em Salvador: a capoeira saiu das ruas - e da marginalidade – e começou a ser ensinada e praticada em recinto fechado. (NESTOR, 2011, p.17 Apud BRAGA E SALDANHA, p.15).

Com este processo de academias de capoeira, havia uma tríade entre Estado Mercado e Sociedade, que acirravam uma enorme disputa para obter os direitos sobre esta ótima ginástica/luta brasileira, mas esta era uma das formas de compreensão sobre a capoeira, onde neste processo de considera-la apenas como luta/ginástica brasileira acabava invisibilizando e subalternizando todo o conteúdo cultural afro-brasileiro existente na capoeira.

Em 1932, segundo Braga e Saldanha (2014, p.12), o Mestre Bimba fundou o primeiro Centro de Cultura Física Regional, sua academia de capoeira que se localizava no Engenho Velho de Brotas na cidade de Salvador Bahia e em 1935,

Bimba conseguiu o registro da sua academia de capoeira, junto à Secretaria de Educação Saúde e Assistência Pública de Salvador/BA, sendo assim a primeira academia de capoeira oficialmente registrada. Isso serviu como um dos marcos emancipatórios para a capoeira em geral, no ano seguinte em 1936, segundo Braga e Saldanha (2014, p.12) houve a queda do Decreto Lei nº 847, que proibia a capoeira no país.

Neste meio tempo, a academia do Mestre Bimba tornou-se muito famosa, sua nova modalidade de luta despertava a curiosidade e interesse de muitas pessoas inclusive dos acadêmicos de diversos cursos, muitos queriam frequentar a sua academia, porém existiam algumas regras para que as pessoas pudessem fazer parte da academia do Mestre Bimba.

Como a capoeira ainda possuía um status de marginalidade por conta do processo social por ela trilhado, o Mestre Bimba a fim de retirar este status negativo da capoeira, impôs como uma das primeiras exigências para ser membro da academia do Mestre Bimba, possuir alguma ocupação laboral, ou seja, tinha que ser estudante, ou trabalhador, deveria possuir alguma função social honesta para assim então poder frequentar a academia, segundo Dória (2011).

Segundo a Organização Cultural e Educacional Conquista (2011), e também relatos orais colhidos nas vivências de capoeira, o mestre Bimba desenvolveu vários métodos de ensino, bem como também criou novos toques de berimbau que estão presentes até os dias atuais, estes toques são: **Amazonas** é um toque festivo, utilizado para saudar Mestres e alunos visitantes, **Banguela** é um jogo mais lento, floreado e solto, com a finalidade de realizar uma mediação entre a calma da capoeira angola e a velocidade da capoeira regional, **Cavalaria** é um toque de aviso, que relembra o tempo da escravidão, e que também era utilizado por Bimba para sinalizar a presença da polícia próximo aos locais onde aconteciam as rodas de capoeira já neste período do século XX, **Idalina** caracterizado como jogo perigoso que exigia muita atenção, pois se assemelhava ao estilo das maltas de capoeira com o uso de navalhas e lenço de seda no pescoço para a proteção contra o corte da navalha, **Lúna** (toque inspirado em um pássaro) onde somente Mestres podem realizar jogos neste tipo de toque, (porém há uma exceção, onde os alunos estagiários, no dia da sua formatura, podem realizar este jogo com os Mestres), e não possui músicas para o acompanhamento, é uma modalidade de jogo livre com

floreios e uso de balões e cintura desprezada⁸, **Santa Maria** é um jogo que objetiva apanhar algo no chão com a boca, também conhecido como jogo do apanha laranja, onde a dupla de capoeiristas precisa jogar e quem for mais habilidoso (a) pegará o objeto com a boca, mas é necessária muita técnica, pois o seu par vai a todo o momento tentar impedir que isso aconteça e vice versa, **São Bento Grande de Bimba ou São Bento Grande da Regional** como muitos conhecem, é um jogo totalmente em cima, muito rápido e ágil com uma forte presença de golpes traumatizantes, é uma espécie de jogo onde foi adaptado para combate/luta.

Além dos toques e as metodologias descritas brevemente acima, Mestre Bimba também criou um sistema de graduação para os alunos, no qual eram utilizados lenços de seda. Atualmente alguns grupos de capoeira Regional utilizam-se de cordas ou cordéis para realizar a identificação de seus alunos.

A fama da capoeira Regional só aumentava, e então junto a ela surgiram diversas críticas também, havia discursos de que o Mestre Bimba estava retirando a essência e a pureza da capoeira Angola, ao criar a Regional, e que isto estava gerando um processo de embranquecimento da capoeira, a respeito disso, Falcão (2006, p. 56) afirma:

Atualmente, essa manifestação cultural é interpretada por alguns autores como uma prática que teria sido cooptada pelas classes dominantes, transmutando-a “de arte negra a esporte branco” (Frigério, 1989). Outros vêem não apenas a cooptação dos brancos, mas também a confrontação negra, “a resistência” expressa simultaneamente numa forma de “rebeldia ativa e passiva” (Reis, 1997).

Diante desta citação de Falcão apud Reis, podemos perceber que um dos discursos acerca deste embranquecimento da capoeira se baseava no fato de algumas pessoas inseridas naquele contexto, serem socialmente reconhecidas como brancas e isto gerar, uma estranheza da população negra.

Em meio a este contexto, a partir da década de 1940, emergiram diversas tentativas de reafricanização da capoeira com o movimento de capoeiristas que se

⁸ Outra criação de Bimba, a cintura desprezada é uma sequência de golpes conectados e balões, também conhecidos como movimentos de projeção da capoeira. O treino da cintura desprezada ensina a saltar ante a ameaça de uma projeção e a cair com segurança e elegância – em pé ou agachado, jamais sentado. O jogo da cintura desprezada é excelente não apenas para desenvolver a habilidade acrobática, melhorar o repertório motor, aprimorar as capacidades físicas, mas, sobretudo, para despertar o sentimento de responsabilidade, estimular a coragem e instigar o poder de decisão. A cintura desprezada é composta pelos seguintes movimentos: parada de dois apoios (bananeira), apanhada, balão de lado, tesoura de costas, aú, balão cinturado e gravata alta.

autodenominavam como Angoleiros, ou seja, adeptos do estilo Angola, começaram a trabalhar a imagem da capoeira afirmando a ligação com a África, sob argumento de que a capoeira Angola possuía a pureza, a malandragem, a malícia, e demais aspectos ligados aos saberes corporais e ancestrais herdados dos africanos, e sob a alegação que a Regional de Bimba, além de embranquecer a capoeira, estava descaracterizando-a.

Ainda sobre a suposta descaracterização e embranquecimento da capoeira que estava sendo realizada pela modalidade regional, segundo alguns críticos daquela época, Vidor e Reis (2013, p.96) diz que:

No plano social, o que a capoeira regional deseja é “levantar” o negro e representa a afirmação da presença negra no cenário nacional. A capoeira de angola, por sua vez, quer valorizar as características próprias do negro. No plano social, ela representa a afirmação da identidade negra, acentuando sua diferença como forma de inserção social dos negros na sociedade. Assim, se o jogo de capoeira pode ser tomado como um modo de negociação entre negros e brancos no Brasil, esses dois estilos corporais de capoeira são propostas negras distintas de negociação, relativas à inserção social dos negros na sociedade. Ambos [sic] são duas respostas sociais, dois modos diferentes de falar do lugar dos negros na sociedade brasileira, expressos por meio da linguagem corporal. Ao inverter a ordem do mundo, colocando-o literalmente de pernas para o ar, a capoeira não se opõe por completo a ela, mas, ao contrário, joga no campo de possibilidades de luta traçado pelo adversário.

As duas modalidades são extremamente relevantes para a história do negro no Brasil .

Não corroboro com a ideia de que a modalidade regional causou um embranquecimento na capoeira, pois a regional de Bimba era mais uma das formas estratégicas pela qual a população negra realizava a sua afirmação social, no contexto de uma sociedade racista. A regional assim como a Angola, são formas de resistência e perpetuação de conhecimentos herdados da diáspora africana no Brasil. Independente dos caminhos trilhados, a capoeira conseguiu-se manter viva até os dias atuais com as suas lutas diárias de resistência e isto é de extrema importância para a execução das suas práticas socioculturais e propagação da sua história e cultura.

Em 1953 o Mestre Bimba foi convidado para realizar uma apresentação de capoeira em um evento que aconteceu no Palácio da Aclamação na cidade de Salvador/BA, neste evento estavam presentes diversas autoridades, inclusive o então presidente do país naquele período, Getúlio Dornelles Vargas, que assistiu a

apresentação realizada por Mestre Bimba e os seus discípulos, e ao final proferiu a seguinte fala: A capoeira é o único esporte verdadeiramente nacional.

Diante deste momento marcante e importante para a capoeira, um processo de esportivização desta arte-luta começou a se instalar no país, em 1960 foi o momento de ascensão da prática que já estava sendo considerada uma ótima *gymnastica brasileira* (Vidor 2013) pelo Estado, e por conta disto deveria ser inserida nos quartéis e demais espaços de poder do governo brasileiro.

Em 1968 e 1969 ocorreram o I e o II Simpósio Sobre Capoeira, que foi promovido pela Associação de Desportos da Aeronáutica, na cidade do Rio de Janeiro capital, uma atividade desenvolvida pelo Estado Brasileiro que convidou os mestres de capoeira, inclusive Bimba esteve presente no primeiro simpósio. O objetivo do Estado era de catalogar os movimentos da capoeira e posteriormente determinar as formas de ensino da arte/luta de acordo o modelo que seria criado e disseminado pelo Estado para as academias de capoeiras e demais instituições.

Essa tentativa foi confrontada por alguns mestres, que não concordavam com estas propostas do Estado brasileiro, acerca da padronização da capoeira.

É importante lembrar que em meio a todo esse processo que perpassa a capoeira, sempre a figura masculina é o padrão, passando uma imagem que esta arte/luta foi ou é algo restrito apenas para homens, situando infelizmente o universo feminino em posição de inferioridade, subalternizando e até mesmo excluindo a participação das mulheres dos processos e lutas de emancipação da capoeira até os dias atuais.

Segundo Zonzon (2015), a partir da década de 1970, havia a presença de mulheres ingressando no mundo da capoeira, e mesmo assim muitas mulheres ficavam numa posição inferior em relação aos homens. A respeito disto no livro *PENSANDO A CAPOEIRA, DIMENSÕES E PERSPECTIVAS*, Zonzon (2015, p.22) aponta que:

Na ausência de mulheres mestras ou “mais velhas”, essa identificação entre capoeira e certo estilo viril não encontra alternativa: o “capoeira de valor” ou o “grande Mestre” está incorporado nos fazeres dos mestres que reconduzem as formas dos “capoeiras de antigamente”. Assim, o corpo da mulher não é reconhecido como referência prestigiosa ou autoridade. A mulher que não esteve presente nas paisagens e imaginários da tradição da

capoeiragem de antigamente não oferece possibilidades de “perpetuar” ou “resgatar” a história dos antepassados.

Além do relato de Zonzon, sobre a inserção da mulher na capoeira, outros relatos foram encontrados, apontando para a inserção da mulher na capoeira, no início do século XX.

No livro, *A Capoeira dos Tempos de Outrora no Recôncavo Baiano* (2017), o autor Gabriel Cardoso do Amaral, traz um relato declarando que o seu avô, alegava ter escutado sobre uma mulher que participava da prática da capoeiragem, denominada apenas como “mulher de Canário Pardo⁹”, iremos verificar essa informação a seguir, Amaral (2017, p.129):

Falando sobre o dia em que seu tio viu Canário Pardo treinando com a mulher, meu avô afirma que “A mulher vestia uma calça e jogava navalha... os dois, treinando eles dois. Jogava facão, jogava faca... Tudo negócio de briga eles dois jogavam”.

Com este relato não se pode afirmar por concreto que a mulher de Canário Pardo era a única a participar do jogo da capoeiragem nesta época, por conta da escassez de materiais escritos sobre a inserção de mulheres neste período, mas podemos notar que a presença feminina encontra-se presente na capoeira muito antes da década de 70, como afirma Zonzon.

Avançando um pouquinho na história da capoeira, em 1972 houve o Regulamento Técnico da Capoeira sobre a jurisdição da Confederação Brasileira de Pugilismo, com o reconhecimento do Ministério da Educação (MEC).

No ano de 1992, em São Paulo capital, foi criada a Confederação Brasileira de Capoeira embasada e sustentada pelo Estado de São Paulo, envolvendo diversos aspectos sociais e principalmente políticos.

A partir da criação desta confederação, ao meu ponto de vista, há uma perda da história social da capoeira, pois diante da regulamentação, no cenário brasileiro a capoeira começa a ser visualizada e interpretada em muitos casos apenas como algo de desporto, onde desconsidera o seu processo epistemológico, ocultando a

⁹ Canário Pardo foi um dos grandes jogadores de capoeira do Recôncavo Baiano segundo as histórias orais apresentadas no livro *A Capoeira dos Tempos de Outrora no Recôncavo Baiano* (2017), autoria de Gabriel Cardoso do Amaral.

presença das negras e negros diáspóricos e todo o processo de repressão que esta manifestação sociocultural sofreu e sofre até os dias atuais na sociedade brasileira. A partir disto, diante das minhas vivências, a capoeira começa a ser interpretada pelas pessoas de duas formas: a primeira, de uma forma folclórica, onde as instituições convidam os grupos para se apresentarem em espaços na semana do folclore, e a segunda de uma forma desportivizada, onde algumas academias de ginástica aderem a inserção da capoeira em seus espaços, a fim de trabalhar apenas os benefícios corpóreos. Assim, contribuem com a ocultação da história social da capoeira.

2.4 A CAPOEIRA DO SÉCULO XXI MALANDRAGENS E CONFLITOS

Malandragem
 Malandragem só sai daqui
 Quando essa roda acabar
 Se o meu mestre disser lê
 Ou se cavalaria tocar
 Capoeira é antiga arte
 Foi o negro inventando
 Me diga quem é brasileiro
 E não tem um pouco de malandro

Malandragem (oi malandro, é malandro)
 Capoeira (oi malandro, é malandro)
 Na bahia (oi malandro, é malandro)
 Oi malandro, é malandro
 Na ladeira (oi malandro, é malandro)
 Malandragem (oi malandro, é malandro)

Ê, finge que vai mas não vai
 Bicho vem e eu me faço de morto
 Mas se a coisa apertar
 Pra Deus eu peço socorro
 Entro e saio sem me machucar
 Subo e desço sem escorregar
 Vou louvando o criador da mandinga aiá
 O malandro que inventou a ginga...
 (Professor Capu)

Em 04 de agosto de 2000, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) realizou o registro da Roda de Capoeira e o Ofício dos Mestres de

Capoeira como Bem cultural, instituído pelo Decreto número 3.551 no Livro de Registros das Formas de Expressão. No ano de 2014 a Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura (UNESCO), declarou a Roda de Capoeira como Patrimônio Imaterial da Humanidade.

Porém mesmo com este reconhecimento em nível internacional, a capoeira no Brasil, principalmente na Bahia, ainda enfrenta dificuldades, escassez de recursos, entre outras barreiras sociais. O poder público realizou os registros, e publicou alguns editais para incentivar a prática sociocultural, mas mesmo assim esses estímulos ainda não conseguem suprir as necessidades da capoeira.

Os Mestres e Mestras que dedicaram e dedicam a sua vida a ensinar este ofício aos mais novos, infelizmente acabam em situações de extremo abandono social e financeiro pelo poder público.

Como grande prova disto, podemos ter como exemplo as histórias do Mestre Pastinha e Bimba, que morreram em péssimas condições sociais, mesmo com tantos contributos que deram a sociedade brasileira, caíram no migué¹⁰ do Estado.

O dia que o berimbau chorou

No dia em que a capoeira sofreu

Foi quando falaram que Bimba

Mestre da Bahia morreu

Saiu da Bahia

Pra dar aula em Goiás

Levando na memória

Só a lembrança de seus pais

Em 5 de fevereiro

Toda a Bahia sofreu

Ao saber que Mestre Bimba

Em Goiânia faleceu

(coro) o dia que o berimbau...

Não dá pra entender

Como isso pôde acontecer

¹⁰ Enrolação. Conversa mole usada para tentar convencer alguém.

O Mestre sair da Bahia
 Pra em Goiânia viver
 Vendeu sua academia
 No nordeste de Amaralina
 Lugar onde acontecia
 Batizado e formatura
 (coro) o dia que o berimbau...
 O destino foi cruel
 Pra Manoel dos Reis Machado
 Ajudou a capoeira
 Por muitos não foi respeitado
 Longe de sua terra
 Morreu triste amargurado
 Também muito arrependido
 Por ter num aluno confiado
 (coro) o dia que o berimbau...
 (Abadá Capoeira¹¹)

Esta música retrata fielmente a situação de total abandono que o Mestre Bimba ficou. Mesmo ofertando tantos contributos à sociedade, não recebeu nenhuma bonificação por parte do Estado, com o Mestre Pastinha a situação também não foi diferente, ambos são lendários mestres de capoeira renomados, e os seus discípulos preservam as suas memórias até os dias atuais. No coração de cada discípulo de capoeira, há um pouco de Pastinha e Bimba. Salve, salve, axé!

3 A CAPOEIRA E AS RESSIGNIFICAÇÕES

Ressignificar basicamente é atribuir um novo significado a algo/alguém. A ressignificação está inteiramente ligada e inserida ao processo social da capoeira no

¹¹ Associação Brasileira de Apoio e Desenvolvimento da Arte-Capoeira.

Brasil. Analisar a ressignificação da capoeira na sociedade atual é uma tarefa muito árdua e delicada ao mesmo tempo, pois a ressignificação depende muito do ponto de vista e das subjetividades de quem a vê/faz para si uma nova produção de sentidos/signos mediante a realidade exposta associada ao imaginário social que foi construído ao longo do tempo. A respeito disso, Moreira e Ferreira (apud Teves, 1992 p.1) aponta que:

[...] investigar uma realidade social é contar com um conjunto coordenado de representações, uma estrutura de sentidos, de significados que circulam entre seus membros, mediante diferentes formas de linguagem: esse conjunto é o imaginário social, que pode ser expresso nas diversas produções humanas, dando-nos indícios das relações sociais estabelecidas no interior dos grupos.

Ela pode ser feita como um processo criativo positivo ou negativo, mas no tocante à capoeira, vale ressaltar alguns questionamentos, pois se sabe que a capoeira como o samba de roda e outras manifestações de matrizes africanas e afro-brasileiras, sempre foram perseguidas, inferiorizadas, subalternizadas, e estigmatizadas na sociedade brasileira, por conta dos padrões hegemônicos europeus instalados na construção social do Brasil.

Então, em meio a este constructo, o que é considerado cultura de acordo estes parâmetros? É um debate delicado, mas neste momento não irei me ater a ele.

Mas, por que este processo de ressignificação aconteceu? Certamente, pela extrema necessidade de manter algo vivo, neste caso da capoeira para além da manifestação cultural, era preciso possuir uma narrativa. Um discurso que envolvesse os processos práticos ligados à cultura e as mudanças sociais, que pudessem ser contadas para outras pessoas, afirmando assim também a grande e importante identidade cultural que compõe este sistema.

Sobre identidades culturais, Moresco e Ribeiro (2015, p.170) afirmam que “[...] a identidade cultural são as particularidades que um indivíduo ou grupo atribui a si pelo fato de sentir-se pertencente a uma cultura específica”.

Se tratando da capoeira, o tema do pertencimento é muito forte, além de resgatar este elo, muitas pessoas tentam reencontrar a ancestralidade que está inteiramente ligada à capoeira. Essa ancestralidade e cultura não podem ser

dissociadas, pois sabe-se que a capoeira é fundamentada nas culturais de pessoas africanas em diáspora no Brasil, então existe a forte presença das tradições africanas e afro-brasileiras dentro deste cenário.

Como uma manifestação de negros vistos como vadios, desordeiros, segundo o Estado, uma manifestação tida como verdadeira ameaça à moral e aos bons costumes, sobreviveu até os dias atuais? Primeiramente é mais que válido afirmar que esta manifestação representa um sistema sociocultural que é diversificado em seu universo e não pode ser pensado no singular, mas sim de forma plural, onde a resistência, a malandragem e demais aspectos foram e são pontos chaves para mediar situações de conflitos e resistir às opressões sofridas, realizando o fortalecimento das suas práticas.

A ginga além de ser uma forma de expressividade corporal, é capaz de direcionar e posicionar de forma política a organização destes corpos, em sua maioria corpos negros, para que seja possível, através do balanço no jogo do corpo, realizar desvios sob estes olhares e atos repressivos, principalmente com a grande presença da oralidade e demais ensinamentos dos mais velhos passados aos mais novos que permitiram manter este sistema cultural até os dias atuais.

A cerca das identidades culturais, Moresco e Ribeiro (2015, p.7 apud HALL, 1996 p.70):

As identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e história. Não uma essência, mas um posicionamento. Onde haver sempre uma política da identidade, uma política de posição, que não conta com nenhuma garantia absoluta numa lei de origem sem problemas, transcendental.

Partindo desta afirmação, as identidades são culturais são múltiplas, então não se pode pensar a cultura sem os seus elementos históricos e os conflitos que compõem os processos socioculturais.

E como os significados pejorativos, atribuídos à manifestação são ressignificados dentro da capoeira? A capoeira é como um camaleão, ela é capaz de se adaptar a diferentes realidades sociais. Por muito tempo a palavra vadio foi atribuída aos praticantes de capoeira, esta associação redundou na justificativa para

a criminalização de sua prática. O vadio estava posto na figura do vagabundo, do ocioso que não tinha ocupação a fazer, seja de trabalho ou de estudo.

A ressignificação porém é um processo que depende muito do ponto de vista de quem está a observar, mas se tratando da capoeira como um sistema cultural, uma organização social e política, percebeu-se que ela foi capaz de criar novos sentidos, contrariando os significados hegemônicos atribuídos a ela pela sociedade brasileira, e isto de certa forma foi uma enorme afronta a esta hegemonia de significados sociais eurocêntricos.

No mundo da capoeira, o verbo vadiar se apresenta positivamente dentro deste universo capoeirístico, um exemplo: Camila é uma vadia de capoeira. Vamos vadiar na roda? Ou seja, dentro dessas duas frases, no universo da capoeira o vadio/vadia e o vadiar se apresentam como formas de elogiar alguém, de convidar alguém para participar do jogo da capoeira.

Dizer que alguém é vadio de capoeira, é afirmar que aquela pessoa é boa na prática da capoeira, bem como convidar vadiar na roda é um convite a realizar um jogo, ou melhor, um diálogo de corpos onde um pergunta e o outro responde. E assim as vivências na capoeira vão se constituindo. A respeito dessas vivências vadias, podemos analisar à seguinte música:

Leva eu, leva eu pra vadiar

Uma sintonia boa
Não pode nos separar
Berimbau é quem me leva
E me guia em tudo lugar

Coro: Leva eu, leva eu pra vadiar

Toca ae o Berimbau com dende
Leva eu pra vadiar
Toca o Berimbau ae
Berimbau me leva e traz
Pelas andanças e pelo mundo
Ensinando e aprendendo
Respeito a cima de tudo

Coro

Berimbau já me deu um compasso
As coisas boas eu guardo e as ruins desfaço

Assim e na minha Capoeira
Assim faço o meu ditado

Coro

Uma roda com energia
Não pode se desfazer
Vai quebrar toda harmonia
Vai quebrar todo o dendê

Coro

Na tempestade e na noite traiçoeira
A vida é uma caixa de surpresas
Eu dei a volta por cima
No jogo da Capoeira

Coro

Minha vida não fácil
Nada foi de brincadeira
Mas hoje eu viajo o mundo
E jogando Capoeira
(GRUPO ABADÁ)

Através desta música do grupo de Capoeira ABADÁ (Associação Brasileira de Apoio e Desenvolvimento da Arte – Capoeira), podemos perceber que o vadiar é algo totalmente positivo, ou seja, que os e as capoeiristas têm um enorme prazer em vadiar na roda da capoeira, nas vivências da capoeira em si.

Analisando esta vadiação, que é uma prática muito comum e prazerosa, eis que surge a inquietação em saber mais sobre o que de fato vêm a ser vadiação/vadiagem. Investigando a história da capoeira e as pesquisas a ela relacionadas, descubro que antigamente o termo vadio era usado como ofensa aos capoeiristas, estando este sentido presente no Código Penal de 1890.

Como um termo que era utilizado para marginalizar a capoeira e os seus praticantes, atualmente é tão usado dentro da capoeira com uma enorme alegria? Isto me deixou inquieta, e na busca por respostas, descobri que a capoeira é tão fantástica, que mesmo nos piores momentos, é capaz de retirar coisas boas das situações delicadas, se mantém firme resistindo às opressões, e dentro disso ela conseguiu ressignificar o termo vadio.

Este termo também poderia ser ressignificado na capoeira, e utilizado como uma espécie de código entre os capoeiristas? Bem, analisando o contexto histórico e social da capoeira, onde a malandragem foi e é um instrumento potente para se proteger e manter firme a cultura capoeirística, e embasado nas vivências que já tive na capoeira, posso dizer que sim.

Na sociedade atual, chamar alguém de vadio/vadia de certo é uma ofensa, mas no universo da capoeira este vadio/vadia/vadiagem, vamos vadiar, é uma espécie de código que somente quem está inserido no mundo da capoeira ou possui alguma ligação com ela, vai compreender estes signos, um trecho de música que fala assim: “O negro tá vadiando, deixa o negro vadiar, ôh vadêa, vadêa, vadêa negro, deixa o negro vadiar... Eu vou, eu vou vadiar, eu vou...” (domínio público), me chama muito a atenção, e após conhecer um pouco sobre esse processo vadio, que foi ressignificado pela capoeira, eis que surge a decisão de intitular este trabalho de “vadeia negrxs, deixa vadiar”, como uma forma política de expor essas vivências que a capoeira têm.

Tudo isso está englobado dentro do processo de construção das identidades, onde a cultura é obtida como um grande modo de vida. Uma filosofia na capoeira que vai além do processo físico corpóreo, mais também direciona a parte ética, psíquica e em alguns casos a espiritual também.

Em relação à capoeira e como ela está sendo apresentada atualmente na sociedade por alguns teóricos, Campos (2001, p.23-24), aponta que:

Capoeira folclore – É uma expressão popular que faz parte da cultura brasileira e que deve ser preservada, promovendo a participação dos alunos tanto na parte prática como teórica.

Capoeira esporte – Como modalidade desportiva e institucionalizada em 1972 pelo Conselho Nacional de Desportos, ela mesma deverá ter um enfoque especial para competição, estabelecendo-se treinamentos físicos, técnicos e táticos.

Capoeira educação – Apresenta-se como um elemento importantíssimo para a formação integral do aluno, desenvolvendo o físico, o caráter, a personalidade, e influenciando nas mudanças de comportamento. Proporciona, ainda, um auto-conhecimento e uma análise crítica das suas potencialidade e limites. Na educação especial, a Capoeira encontra campo frutífero junto aos deficientes e excepcionais.

Capoeira como lazer – Como prática não formal através das “rodas” espontâneas, realizadas nas praças, praias, colégios, universidades, festas de largo, etc.

Capoeira filosofia de vida – Muitos são os adeptos que se engajam de corpo e alma, criando uma filosofia própria de vida, tendo a capoeira como elemento símbolo, e até mesmo usando-a para sua sobrevivência.

Nestas definições de Campos, a meu ver, ele não realiza associações da capoeira com a diáspora e a cultura africana e afro-brasileira, apenas aponta a capoeira ora desportivizada, como folclore ou como educação. Não se pode

dissociar a capoeira da luta de resistência da diáspora negra, muito menos esquecer-se dos valores civilizatórios existentes neste bojo cultural da diáspora.

Como filosofia de vida para quem a vive realmente na sua plenitude, a capoeira propicia inclusão social, resistência e luta, onde existe também o crescimento educativo de todos que compartilham daquelas práticas, ensinando e preparando de uma forma prazerosa os seus praticantes, não somente para a prática laboral da capoeira, mas também para a vida em sociedade.

4 A CAPOEIRA E SEUS PROCESSOS EDUCATIVOS

Os processos educativos são caminhos diversos pelos quais os sistemas educacionais da sociedade buscam inserir socialmente indivíduos, desde a infância até a idade adulta, ensinando os padrões educativos que estão estabelecidos na sociedade, e que são utilizados a todo o momento nas relações sociais.

O processo educativo é composto de ensino e aprendizagem, onde o ensino vai direcionar os métodos de ensino através de um processo de subordinação e repetição dos conteúdos, e também cria relações de comunicação. Já a aprendizagem vai proporcionar a descoberta dos conteúdos de uma forma conjunta na relação entre educadores e educandos, permitindo as possibilidades de recriação e interpretação destes conteúdos, melhorando a comunicação nas relações sociais. Nesta modalidade há uma divisão social dos conhecimentos entre os envolvidos no processo.

Sobre os processos educativos Vieira (2006, p.5) aponta que:

Os processos educativos são complexos para os investigadores e exigem o contributo de várias ciências. Sabe-se que os processos educativos são universais, mas variam de cultura para cultura, profissão para profissão, de grupo para grupo, etc., tanto nos conteúdos quanto nos contextos formais. Aprender e educar são processos que envolvem a transmissão, a fixação e a produção de saberes, memórias, sentidos e significados, práticas e performances.

Nesta citação de Vieira, podemos notar que há uma contradição na afirmação da universalização dos processos educativos, pois ao mesmo tempo em que o autor afirma que é algo universal, logo abaixo ele mesmo trata sobre a produção de sentidos e significados. Gostaria de me ater a isto, pois os sentidos e significados podem ser interpretados de acordo com a subjetividade de cada indivíduo, porém estes não podem ser mensurados, e principalmente quando se retrata o processo educativo que é adquirido dentro da cultura, este é atravessado por um imenso valor simbólico que também não se pode mensurar, e cada pessoa vai interpretar de acordo a sua realidade.

A respeito das interpretações subjetivas do processo educativo nas diferentes realidades dos grupos sociais, Iturra (2009, p.1) afirma que:

Todo grupo social precisa de transmitir sua experiência acumulada no tempo à geração seguinte, como condição da sua continuidade histórica. O facto de os membros individuais do grupo estarem sempre a renovar-se, seja pela morte, seja pelo nascimento, dinamiza a necessidade de que essa experiência acumulada, que se denomina saber e existe fora do tempo individual, fique organizada numa memória que permaneça no tempo histórico.

Corroborando com a ideia de Iturra, no que diz respeito aos grupos sociais, estabeleço esta ligação das experiências acumuladas e a continuidade dos grupos sociais de capoeira. Cada membro do grupo conhece uma parte do saber social e através destes conhecimentos há também as divisões das tarefas entre os membros, que proporcionam um processo de aprendizagem mútuo que difere dos padrões de escolarização que são constituídos dentro do plano educacional de ensino nas escolas.

A respeito disto, veremos a seguinte citação de Oliveira (1969, p.3):

O processo educativo realiza-se na sociedade, pela sociedade e para a sociedade. Não há grupo humano, por mais rudimentar que seja sua cultura, que não empreenda esforços, de um ou de outro tipo, para educar suas crianças e seus jovens. É, pois, um processo universal; e é também um processo constante e contínuo, uma vez que tal fato social ocorre hoje, ocorreu e ocorrerá sempre. É ainda um processo obrigatório, necessário, porque sem êle [sic] não haveria vida social, nem as aquisições culturais do grupo seriam transmitidas às novas gerações.

Oliveira declara que o processo educativo, é universal, e que sem ele não haveria vida social. Nós estamos inseridos em sociedade e necessitamos de partilhar alguns padrões, sejam eles intelectuais, morais, sociais e estéticos, que geram uma necessidade de inserção nos grupos sociais de acordo o desenvolvimento da personalidade de cada ser e diante disto é válido dizer que o processo educativo, antes de qualquer coisa, ele é um processo individual e subjetivo, pois cada ser é diferente do outro.

Nosso meio social é complexo, pois ele é formado por diversos grupos sociais que estão estruturados dentro de padrões que são estabelecidos de acordo à realidade social de cada grupo, que por sua vez também podem contribuir com o processo de aprendizagem de seus membros permitindo o ajuste da cada pessoa dentro do grupo, ou também podem agir de maneira regulatória através dos usos, costumes e tradições daquele grupo a fim de direcionar os seus membros para o ensino ao qual o grupo quer fornecer.

A capoeira neste sentido permite que os seus membros possam estar dentro de um processo emancipatório de aprendizagem constante onde as pessoas recebem saberes, afazeres e processos educativos que visam à formação, e não apenas informação. Basicamente se comparada aos modelos de educação das instituições escolares é perceptível que ao longo do nosso processo educativo nas instituições escolares recebemos conhecimentos que nos mantém informados, porém em muitos casos estes processos advindos das redes escolares, não nos ofertam capacitações para qualificar as intervenções nas relações sociais.

Sobre isto, Freitas et al. (2014, p.2 apud Cypriano 2011):

A integração social se faz naturalmente, pelo próprio espírito democrático da capoeira. Ela desconhece preconceito ou discriminação – em qualquer atividade, exige a participação de todos na roda, criando um respeito mútuo que desenvolve a cidadania. Sua musicalidade fortalece o equilíbrio emocional como vantagem nas relações com os demais participantes, aumentando a capacidade de lidar com os outros e suas diferenças.

Corroborando com a citação de Ferreira, é notório que ela proporciona uma enorme relação de respeito social entre os seus praticantes, bem como também direciona que os seus conhecimentos sejam aplicados para além do grupo social de

capoeira ao qual o indivíduo esteja inserido. Através desta relação respeitosa que a capoeira proporciona a seus membros, aperfeiçoam-se as relações individuais e sociais de capoeiristas dentro da sociedade.

Sobre esta relação entre o processo educativo da capoeira e como este processo se insere na sociedade, em uma das entrevistas para este trabalho, um dos entrevistados deu o seguinte relato:

Camila: Há alguma relação, entre a capoeira e a forma como você se relaciona em sociedade?

Alisson de Jesus: Bastante. Eu, tento sempre é levar lá para fora da capoeira o que eu pratico dentro dela, a capoeira muitas vezes para quem não entende, acha que é só jogar perna, é só tocar berimbau, e não é isso, a capoeira tem as suas rodas de bate papo, onde saí muitas coisas boas né, eu aprendi muito a ter uma convivência melhor na sociedade através da capoeira, eu era uma pessoa um pouco complicada, estressadinho e coisa e tal, mas é graças à capoeira e aos condutores dela, eu mudei isso, eu mudei isso em mim e não só eu, a capoeira vem mudando muita gente, vem quebrando muitas fronteiras, então sim ela me ajuda bastante a me inserir lá fora, fora da capoeira. (Entrevista realizada em 16 de junho de 2018, na cidade de Serrinha/BA).

Através do relato do entrevistado que é membro do Centro Cultural de Capoeira Lendário de Palmares da cidade de Serrinha/BA, podemos analisar que os ensinamentos do processo educativo do seu respectivo grupo de capoeira, influem diretamente nas suas relações pessoais e sociais de uma forma positiva e contribui diretamente com o seu processo de desenvolvimento individual.

5 MINHA CASA, MINHA VARANDA, MEU DENDÊ: O TRABALHO DE CAMPO NO CCCLP

Minha varanda

Aqui é Minha casa

Minha Varanda

Meu dendê

Aqui é Minha casa

Minha Varanda

Meu dendê

Meu Chapéu de Palha
 Minha Massapê
 Meu Chapéu de Palha
 Minha Massapê
 Cada um tem sua história
 é bom respeitar
 Para conquistar minha varanda
 Não foi fácil camará
 Aqui é Minha casa
 Minha Varanda
 Meu dendê
 Aqui é Minha casa
 Minha Varanda
 Meu dendê
 Meu Chapéu de Palha
 Minha Massapê
 Meu Chapéu de Palha
 Minha Massapê
 Se não sabe a minha história
 Entre aqui vou te contar
 Tem Berimbau, Pandeiro e Atabaquê para tocar
 Na parede um quadro
 De carybe que mandei pintar
 E minha varanda
 é de frente pro mar
 Aqui é Minha casa
 Minha Varanda
 Meu dendê
 Aqui é Minha casa
 Minha Varanda
 Meu dendê
 Meu Chapéu de Palha
 Minha Massapê
 Meu Chapéu de Palha
 Minha Massapê
 (Contra Mestre Monkey¹²)

¹² Renato Mendonça da Silva, também conhecido como Monkey, é contra-mestre de capoeira pelo grupo capoeiragem, e compositor de músicas de capoeira.

É com essa música de capoeira, que eu início este capítulo a fim de relatar sobre o local onde esta pesquisa foi realizada.

O trabalho de campo desta pesquisa ocorreu durante 15 dias corridos do mês de junho do ano de 2018, as observações foram realizadas no antigo Centro Desportivo de Capoeira Lendário de Palmares doravante Centro Cultural de Capoeira Lendário de Palmares (CCCLP), sua sede é situada a Rua Guedes de Brito S/N, bairro Vista Alegre, cidade de na cidade de Serrinha/BA.

O CCCLP é uma entidade civil sem fins lucrativos, com duração de tempo indeterminado, que foi fundado em 05 de dezembro de 2009, e situa-se no endereço acima mencionado. Esta instituição é regida por um estatuto social que organiza as ações do grupo, atualmente a entidade é presidida por Diomedes Raimundo Gomes de Almeida Júnior, e além da sede onde esta pesquisa foi realizada, o grupo possui outros 05 núcleos na cidade de Serrinha, e em outras cidades, que são: Tucano/BA, Euclides da Cunha/BA, Nova Serrana/MG, Riachão do Jacuípe/BA, Conceição do Coité/BA, e Água Fria/BA. Vale ressaltar que todos os núcleos são supervisionados por Diomedes Raimundo Gomes de Almeida Júnior que além de ser o atual presidente da instituição também é o contra-mestre de capoeira do grupo, ou seja, a pessoa que possui a maior graduação de capoeira deste grupo até o atual momento.

O estatuto desta instituição aponta as seguintes finalidades:

Art.2º I. Promover atividades na área cultural, esportiva, educacional e ambiental, através da CAPOEIRA e dos demais elementos da cultura afro-brasileira, a ela vinculada, respeitando suas origens e tradições, em todo território Nacional.

II. Desenvolver, realizar, participar e incentivar atividades voltadas ao desenvolvimento sociocultural para pessoas de todas as idades sem distinção de crença, religião, origem, raça, gênero, orientação sexual, visando o desenvolvimento humano, em todo território Nacional. (ESTATUTO SOCIAL CENTRO DESPORTIVO DE CAPOEIRA LENDÁRIO DE PALMARES/CENTRO CULTURAL DE CAPOEIRA LENDÁRIO DE PALMARES, 2018 p.1).

Logo de início o grupo de capoeira expõe que as suas atividades não se restringem apenas a práticas corpóreas, elas estimulam o processo de

aperfeiçoamento pessoal dos seus membros e o desenvolvimento social do próprio grupo.

A respeito dos objetivos do CCCLP, podemos observar os seguintes artigos do seu Estatuto Social:

Art. 3º - O CCCLP tem como objetivos a, pratica e a pesquisa da Capoeira e demais tradições culturais vinculadas, nos seus aspectos práticos e teóricos, bem como:

- I. O fomento da memória relacionada com a diversidade cultural brasileira;
- II. A promoção da cultura e a defesa e conservação do patrimônio histórico e artístico;
- III. Estudos, pesquisas e prática, bem como, produção e divulgação de informações e conhecimentos técnicos e científicos relacionado com a cultura brasileira;
- IV. A promoção de intercâmbio com entidades culturais, de ensino e de desenvolvimento social, nacionais e internacionais;
- V. A promoção da ética, da paz, da cidadania, dos direitos humanos, da democracia e de outros valores universais;
- VI. O incentivo a criação de outros grupos de mesma natureza em outras regiões do país.
- VII. O incentivo a realização de atividades em defesa ao meio ambiente.

Art. 4º - Para a consecução de suas finalidades, o CCCLP fará a execução direta de projetos, programas, planos de ações correlatas, com objetivos sócio-culturais de mesma natureza.

Parágrafo Único - Para atingir seus objetivos de estudo, pesquisa e pratica, da promoção dos valores relacionados no artigo anterior, O CCCLP poderá, entre outras iniciativas:

- I. Organizar, realizar, divulgar ou participar de eventos, seminários, encontros, debates;
- II. Produzir, editar, publicar, distribuir e divulgar livros, revistas, vídeos, filmes, fotos, fitas, discos magnéticos ou óticos, exposições, programas de radiodifusão, televisivos, computacionais, entre outros;
- III. Organizar serviços de documentação e informação;
- IV. Distribuir e vender produtos e materiais do próprio grupo, apenas para a arrecadação de fundos para subsidiar sua própria existência. (ESTATUTO SOCIAL CENTRO DESPORTIVO DE CAPOEIRA LENDÁRIO DE PALMARES/CENTRO CULTURAL DE CAPOEIRA LENDÁRIO DE PALMARES, 2018 p.1).

O grupo está comprometido com a luta em diversas causas sociais, principalmente em relação à paz, respeito, direitos humanos, cultura e etc., para que

o mesmo se organiza e realiza ações educativas que são fundamentadas principalmente através da oralidade, ancestralidade, cultura e identidade afro-brasileira e africana, respeitando os fundamentos e as hierarquias da capoeira. O CCCLP além da prática corpórea da capoeira desenvolve diversas ações nas cidades onde possuem núcleos, são atividades teóricas compostas de rodas de diálogos e palestras, que interseccionando diversos temas que vão desde a história social da capoeira aos modos como ela está inserida na sociedade atualmente. Outros temas abordados são: capoeira e educação, capoeira e gênero, relações raciais e combate ao racismo, misoginia, homofobia, entre outros.

Estas atividades ocorrem o ano inteiro. Há uma parceria entre o CCCLP, a Universidade do Estado da Bahia - Campus XI ¹³ e a comunidade, que conduz os eventos realizados sempre serem abertos ao público e com entrada gratuita, dentre estes eventos gostaria de destacar uma atividade que é denominada Roda do Morro, que acontece sempre no mês de maio.

A Roda do Morro é uma atividade que foi iniciada no ano de 2012, em relação com a data 13/05, quando foi promulgada a Lei Áurea, que teoricamente extinguiu a escravidão no Brasil. O objetivo desta ação desenvolvida pelo CCCLP é justamente analisar como este processo de abolição decorreu, suas causas, e, principalmente, os seus impactos na sociedade brasileira até os dias atuais. É sabido que as pessoas negras no período de pós-abolição da escravatura, não tiveram acesso aos serviços sociais essenciais para a vida humana, vivenciando problemas em relação à classe social, principalmente no tocante a raça, ou melhor, ao racismo que infelizmente assola a nossa sociedade até os dias atuais.

Com estas análises que são realizadas de uma forma coletiva, o grupo se propõe a pensar e executar alternativas e práticas antirracistas dentro do contexto social em que estes indivíduos estão inseridos, colaborando assim com a conscientização de diversas pessoas que não estão inseridas diretamente no mundo da capoeira, mas que também podem adotar práticas antirracistas no seu dia a dia e isto contribui significativamente para a construção de boas relações sociais entre todos e todas. Isso também não significa que todas as pessoas inseridas na capoeira e que participam destas atividades, estão engajadas na luta antirracista,

¹³ O campus XI da Universidade do Estado da Bahia fica situado na cidade de Serrinha/BA.

infelizmente podem existir ações contrárias, mas uma das propostas do CCCLP consiste em atuar na luta direta contra o racismo.

Na atividade acima descrita, acontece uma semana de diálogos e reflexões acerca deste processo que envolve a abolição da escravatura, este é o tema central do evento, porém existem subtemas que são debatidos durante uma semana de atividades. O evento geralmente se inicia em uma segunda-feira e prossegue até o dia de domingo, sempre após os debates dos temas trabalhados em cada dia no evento, acontecem também atividades corpóreas envolvendo a capoeira, o samba, o maculelê, puxada de rede e demais aspectos culturais, mas no último dia das atividades, os capoeiristas sobem literalmente um morro, conhecido na cidade de Serrinha como “o monte”, uma serra bem alta, onde se sobe mediante bastante esforço físico. De cima é possível ter uma visão completa da cidade. A “subida” realizada pelo CCCLP a este local simboliza a luta de resistência da capoeira.

Abaixo podemos visualizar uma foto do primeiro ano de atividades:

Roda do Morro



Fonte: CCCLP, 2012

Além do grupo, outros coletivos ligados à capoeira e outras manifestações culturais também são convidados a participarem desta atividade, e participam, fortalecendo os diálogos e os laços sociais existentes entre esses grupos socioculturais de diversos segmentos.

5.1 AS OBSERVAÇÕES NO TRABALHO DE CAMPO

Embora o CCCLP possua uma sede própria, que ainda está em processo de finalização de construção, as aulas até o presente momento não são realizadas na sede, ocorrem em outros espaços, principalmente em espaços escolares do município de Serrinha/BA. Como já foi mencionado anteriormente neste trabalho, o CCCLP possui diversos núcleos em locais diferentes, apenas na cidade sede o grupo possui atualmente 06 núcleos ativos que desenvolvem as práticas de capoeira.

O local que foi o foco desta pesquisa foi o núcleo que é denominado como “sede”, pois é onde todos os demais núcleos se reúnem para as atividades maiores, esta sede atualmente está dentro de um espaço escolar, as atividades são desenvolvidas na Escola José Ramos da Silva situada a Rua A, nº 26 bairro Vista Alegre, cidade Serrinha/BA.

As aulas acontecem neste espaço nos dias de terça, quinta e sábado. Nas terças-feiras acontece no período noturno o “treino dos graduados”, ou seja, acontece um treino que é específico para pessoas que estão na capoeira com certo nível de tempo, existem algumas especificidades e nem todos os alunos e alunas podem participar.

Nas quintas-feiras e sábados acontece o treino geral, quando todos podem participar e treinar juntos. Nas terças e quintas geralmente os treinos são noturnos, pois durante o período diurno a escola está em funcionamento e por conta disto não há como utilizar o espaço para a realização dos treinos. Já aos sábados, como não há expediente escolar, os treinos começam no período da tarde e estendem-se até a noite.

Ao chegar à sede, também chamada de “academia”, fiquei a observar, os alunos iam chegando e dividindo as tarefas, uns afastavam as mesinhas e cadeiras e outros iam varrendo o espaço. Após isto, a pessoa mais graduada naquele momento, na ausência do contra mestre do grupo, é a pessoa responsável por organizar e iniciar o treino naquele dia em específico.

No dia 14/08/2018 uma quinta feira, após a organização e limpeza do espaço, o professor de capoeira July, foi o responsável por iniciar e conduzir o treino. Com os/as capoeiristas organizados em filas que seguiam o sistema de graduação, onde os mais velhos sempre ficam à frente e os mais novos atrás nas filas, iniciou-se um aquecimento seguido de um alongamento, e posteriormente foram introduzidos alguns movimentos específicos da capoeira, e as pessoas iam seguindo as instruções do professor July que orientava atentamente a todos.

No segundo momento, o professor separou os/as capoeiristas em duplas e ensinava movimentos sequenciados, e as duplas realizavam de um lado e do outro, desta forma exercitando a cognição, força, flexibilidade, coordenação motora e demais aspectos físicos e psicológicos, e todos tinham muita atenção ao exercitarem os movimentos.

Ao final da parte física do treino, formou-se uma roda com todos sentados ao chão. Neste momento iniciaram-se diálogos em relação ao treinamento daquele dia e sobre coisas referentes ao mundo da capoeira. Lembro que nesses diálogos também pode acontecer à inserção de outros assuntos, mas depende do momento e de quem esteja dialogando.

O contra-mestre Júnior iniciou a conversa e, posteriormente, todos da roda interagiram. Foi um momento muito marcante, pois justamente neste dia o tema abordado foi o respeito dentro da capoeira. Todos os presentes contribuíram com falas e era perceptível a atenção e importância que as pessoas davam àquele tema, não somente na capoeira, mas também o respeito estava sendo pautado para fora dela, nas relações interpessoais. Ao final do papoeira¹⁴ todos se levantaram, mas permaneceram na roda, e realizaram uma oração¹⁵. Após isto, estavam liberados para irem para suas casas. No CCCLP os mais velhos acompanham os mais novos até suas casas, para garantir que todos cheguem com segurança em seus lares.

¹⁴ Momento de diálogo da capoeira, onde acontecem as rodas de bate papo sobre a capoeira e seus fundamentos, e surgiu a expressão papoeira, porém não há uma data exata para o surgimento desta expressão linguística.

¹⁵ O CCCLP expõe que a instituição não possui nenhum vínculo com entidades religiosas, o centro enquanto organização se mantém em neutralidade religiosa, e aponta que a capoeira não possui religião, mas os seus praticantes podem possuir crenças religiosas ou não. Há uma diversidade religiosa no grupo, mas todos respeitam os seus colegas, e ao final dos treinos, em concordância de todos os seus membros, realizam a oração do Pai Nosso em círculo e de mãos dadas, e após isso encerram as suas atividades.

Nos demais dias de treinamento a rotina era a mesma. Nos treinamentos não havia distinções sociais, como entre raça ou gênero, todos treinam juntos.

Durante as observações, em diálogo com algumas pessoas, foram realizados convites para participarem de uma entrevista estruturada, quando 05 membros do grupo de capoeira se voluntariaram a participar das entrevistas com livre e espontânea vontade. Dentre estas pessoas, 04 se declaravam do sexo masculino e 01 do sexo feminino.

Para a realização das entrevistas foram elaboradas 06 perguntas claras e objetivas, com uma linguagem de fácil compreensão por todos (as), as perguntas foram:

- 1) Como foi o seu primeiro contato com a capoeira?**
- 2) Atualmente como você está inserido (a) nela?**
- 3) Qual o papel da capoeira na sua vida?**
- 4) Há alguma relação entre a capoeira e a forma como você se relaciona em sociedade?**
- 5) O que você acha da inserção da capoeira no sistema escolar?**
- 6) Você acha que a capoeira pode contribuir para uma sociedade melhor?**

Diante dessas perguntas, foram realizadas as entrevistas com cada indivíduo, em momentos diferentes, as 05 pessoas aceitaram que as informações cedidas fossem divulgadas nesta pesquisa.

Gostaria de sinalizar aqui que as entrevistas foram transcritas de acordo as falas de cada pessoa, ou seja, *ipsis litteris*, sem alterações de linguagem, todas permanecem com as informações fidedignas que os entrevistados forneceram para esta pesquisa.

A respeito da pergunta de número 01, o entrevistado de número 4, respondeu:

Camila: É Júnior, como foi o seu primeiro contato com a capoeira?

Diomedes Raimundo Gomes de Almeida Júnior: – Bom, meu primeiro contato com a capoeira surgiu na rua, né. Na rua da minha casa, onde eu morava, é havia algumas crianças brincando, jogando infinca é, peão, é tinha umas brincadeiras de garrafão, empina raia, eu achei interessante e inclusive que no meio dessas crianças tinha um irmão meu que também brincava e ao mesmo tempo ele jogava capoeira, ele fazia aú, fazia salto mortal, e dali então eu comecei a me aproximar daquelas pessoas e

comecei brincar na rua, é brincar na rua e de lá a gente ia para o fundo do quintal do Mestre, Mestre Gival, foi uma pessoa que me acolheu e logo em seguida mandei fazer minha roupa, minha mãe fez minha roupa e eu saía pelas roças fazendo apresentação com o meu pai e foi um momento muito bacana que eu comecei a treinar capoeira, e foi bem legal para mim. (Entrevista realizada na cidade de Serrinha/BA, pela pesquisadora, em 21/06/2018).

Podemos analisar no relato do entrevistado 4 que o seu primeiro contato com a capoeira basicamente aconteceu na rua, e que além dele outras crianças da sua época, também tiveram este contato e aos poucos foram se inserindo na capoeira. O Mestre Gival, relatado pelo entrevistado 4, é considerado um ícone da capoeira nesta cidade e na região, ele, foi o pioneiro na prática de capoeira na cidade de Serrinha/BA. Atualmente o senhor Gival é o responsável pelo grupo de capoeira Kilombo dos Palmares, que também é situado na mesma cidade onde a pesquisa foi realizada. Vale ressaltar que o entrevistado 4 afirma que foi aluno do Mestre Gival por muitos anos, porém hoje ele conduz seu próprio trabalho no CCCLP e mantém uma relação de muito respeito com o mestre.

Além de Diomedes, uma pessoa entrevistada também afirmou que o seu primeiro contato com a capoeira foi na rua. Duas pessoas afirmaram que o contato aconteceu por influência de membros familiares que já estavam inseridos na capoeira, e uma pessoa afirmou que o contato se deu através de observações de apresentações de capoeira.

A respeito da pergunta de número 02 o entrevistado 2 respondeu:

Camila: É, e atualmente como você está inserido na capoeira Alisson?

Alisson de Jesus: – Bem, hoje eu tenho 13 anos de capoeira né, treino com o contra Mestre Júnior, sou aluno formado, um estágio para professor e tenho um trabalho hoje, eu dou aulas em comunidades, já participei de alguns projetos, então estou mais ou menos nessa pegada aí. (Entrevista realizada na cidade de Serrinha/BA, pela pesquisadora, em 16/06/2018).

Nesta resposta de Alisson de Jesus, podemos perceber que ele já está inserido na capoeira há alguns anos e que no grupo de capoeira que ele é membro, existem as divisões entre as fases que compõem os processos de iniciação até a formação de mestre de capoeira no do grupo, essas fases vão desde o aluno iniciante, aluno

formado, professor de capoeira, contra-mestre de capoeira, e mestre de capoeira, sendo esse o maior grau dentro do grupo.

Ele sinaliza que está atualmente em um estágio preparatório para se tornar professor de capoeira e que durante este ele afirma que já ter participado de projetos envolvendo a capoeira, embora ainda não seja um professor de capoeira, mas que ele já deu e dá aula em outras comunidades. Desta maneira ele possibilita que outras pessoas tenham acesso e possam ser inseridas no contexto da prática da capoeira, seja como lazer, esporte, filosofia de vida e etc.

As outras pessoas entrevistadas, em resposta a esta pergunta, uma pessoa também afirmou estar no mesmo processo de graduação que o entrevistado 2 se encontra, 01 pessoa afirmou ser estagiário de capoeira, outra pessoa afirmou ser aluna graduada, e 01 pessoa afirmou ser contra mestre de capoeira.

A respeito da pergunta de número 03, o entrevistado Márcio Oliveira respondeu:

Camila: É, e qual o papel da capoeira na sua vida Márcio?

Márcio Oliveira de Freitas: O papel da capoeira em minha vida, ele é muito, ele é muito interessante, eu digo que ele, que a capoeira é uma base. Ela foi uma base para minha vida, ela foi um braço direito para minha, para me fortalecer em minha estrutura familiar. É eu hoje, além de ter a capoeira como cultura, esporte, eu particularmente tenho como religião também. Porque a gente prega isso tudo no dia a dia, a gente prega isso tudo para as crianças, a gente não prega só o esporte, só a cultura, a capoeira como luta, a gente prega a religião. (Entrevista realizada na cidade de Serrinha/BA, pela pesquisadora, em 16/06/2018).

Márcio Oliveira, em resposta a essa pergunta, afirma que o papel da capoeira na vida dele vai além do viés do cultural e da prática desportiva, para ele a capoeira é a sua religião, que contribuiu e contribui muito na vida dele principalmente na relação familiar e social.

As outras pessoas entrevistadas relataram que a capoeira cumpre um papel importante nas suas vidas, que as instrui e as prepara para o convívio em sociedade, influenciando nos processos educativos, na cidadania, no respeito para com a sociedade e principalmente com os familiares, interferindo nas questões do comportamento, que melhorou as relações sociais dentro e fora da capoeira.

A respeito da pergunta de número 04, o entrevistado João Santana respondeu:

Camila: Então diante disso, tem alguma relação né entre a capoeira e essa forma como você se relaciona em sociedade, seja no meio da capoeira ou na sociedade civil em si?

João Santana: - Com certeza, a capoeira ela desde o meu ingresso nela, eu trilhei um caminho que certamente não seria o meu, eu podia até está no mesmo espaço hoje, de estar na universidade, de ser professor de geografia, é, mas não pelo mesmo caminho, acho que o destino poderia até ser o mesmo, mas o caminho com certeza não, e o caminho foi o mais gratificante para mim, porquê eu pude partilhar de espaços que no meio um tanto quanto burguês classe média que eu vivia, eu não partilharia. Hoje, eu tenho uma relação de identidade, muito forte com alguns bairros periféricos, com algumas comunidades que é é que são extremamente é, estão extremamente em situações de vulnerabilidade social e que eu tenho esse contato, é a capoeira ela provoca isso tanto é que meu trabalho de conclusão de curso na universidade foi falar do bairro de origem do grupo, é eu trabalho com produção de espaço urbano, no caso , reprodução do espaço urbano, segrega eu falo muito de segregação sócio espacial e aí o bairro onde o grupo mais atua, atua a mais tempo na realidade, nem mais atua é atua a mais tempo é ele historicamente foi esquecido, é quando a gente, a única atividade de lazer era um campo de futebol e aí após a pavimentação de rua, saneamento básico, tem uma série de fatores que demonstram, demonstravam esse afastamento do Estado enquanto é produtor do espaço urbano, enquanto um dos agentes produtores do espaço urbano dele, aí uma série de movimentos sociais reivindicando pavimentação, acesso à saúde pública, ajudam nisso. E eu estou com certeza, eu estou inserido nesse processo. Eu fiz parte inclusive de um governo e tenta, a gente sempre tenta direcionar algumas ações para aquele espaço, e aí eu posso citar como exemplo, a luta do grupo, não minha, mas a luta do grupo para conquistar um terreno para a construção da sua sede própria. Graças a Deus hoje a gente tem esse terreno e estamos é tentando concluir a obra, a obra já está bem avançada, a gente ainda não chegou nos acabamentos, mas está próximo de cobrir a nossa sede própria, esse é um fator muito importante. (Entrevista realizada na cidade de Serrinha/BA, pela pesquisadora, em 16/06/2018).

As outras pessoas entrevistadas, em resposta a essa pergunta, relataram que os ensinamentos que a capoeira transmite, são levados para fora da academia, e que isso os ajuda a ter uma boa convivência em sociedade, os ensinamentos da capoeira estavam presentes na forma de ser e agir de cada um.

Ainda sobre essa pergunta, irei expor a resposta do entrevistado Diomedes Raimundo:

Camila: É, e você me falou dessa questão, do papel da capoeira na sua vida. Dentro disso, há alguma relação entre a capoeira e a forma como você se relaciona na sociedade?

Diomedes Raimundo Gomes de Almeida Junior: Com certeza! Com certeza! Essa pergunta é muito boa, é, assim, a sociedade com a capoeira tem uma relação muito forte, muito forte mesmo, né. A gente, aquelas

peessoas que estão na rua, na criminalidade, a gente tenta trazer para a capoeira, inclusive eu fiz parte de um trabalho aqui dentro de Serrinha, serviço de convivência CRAS, né, onde a gente pegava as crianças da rua e levava para o CRAS serviço de convivência, e a capoeira ela tem um papel fundamental porque tinha outros orientadores dentro desse espaço e às vezes não conseguia conter, e quando eu chegava no espaço para dar aula, as professoras, o pessoal, os orientadores os facilitadores falava assim: “eita, graças a Deus que o menino da capoeira chegou, Júnior da capoeira chegou”. Então eu conseguia conter aquelas crianças que estavam agitadas, eles prestavam mais a atenção em mim porque eu conversava muito com eles, então a capoeira ela tem um papel extremamente fundamental na vida do ser humano. Extremamente mesmo! Tanto que, eu cheguei no espaço, numa penitenciária para fazer uma apresentação de capoeira e, de repente me deparei com ex alunos, que se estivessem treinando, não estariam naquela vida, e assim, foi um momento que marcou a minha vida, porque eu acabei me emocionando né, ao ver eles internos lá e o arrependimento na cara deles. Então, a capoeira tem um papel muito importante. (Entrevista realizada na cidade de Serrinha/BA, pela pesquisadora, em 21/06/2018).

Na resposta de Diomedes, ele expõe a grande importância do trabalho social que a capoeira faz com as pessoas, independente de idade, sexo, cor, raça e etc., instruindo-as e preparando-as para o convívio social através das experiências e ensinamentos da capoeira, onde as pessoas além de ganharem qualidade de vida e saúde com a prática desportiva da capoeira, também participam de processos de troca mútua de conhecimentos e experiências, que facilitam as relações sociais.

A respeito da pergunta de número 05, a entrevistada Elineide Silva respondeu:

Camila: E o que você acha Elineide, da inserção da capoeira no sistema escolar?

Elineide Silva de Jesus: Ah, é muito forte. Porque esse trabalho que a gente faz na capoeira e juntamente também com a escola, é muito importante. Tanto para a gente, tanto para os alunos né, porque aí você conhece mais o comportamento seu aluno, se ele está mentindo ou não, se ele fala que obedece na escola ou não, então esse, esse sistema da escola com a capoeira é muito forte porque o aluno né, se ele tá com o comportamento ruim na escola e o professor não tá conseguindo lhe dar com aquilo, e o aluno já tem aquele, o grupo da capoeira, a professora chama o Mestre de capoeira: “E aí, como é que fulano tá na capoeira? Tá obedecendo? Porque aqui na escola, ele não obedece”. E aí, entre aquela conversa, bate papo dos dois, eles entram em um acordo né, que eles já, um ajuda o outro já a desenvolver mais a mente daquela criança né, ou daquele adolescente. Porque um trabalhando é bom, mais dois é melhor ainda né? Para ajudar aquela criança, aquele adolescente. (Entrevista realizada na cidade de Serrinha/BA, pela pesquisadora, em 21/06/2018).

Na resposta de Elineide Silva sobre essa pergunta, podemos observar que ela expõe a relação existente entre as pessoas que conduzem o trabalho de capoeira no CCCLP e o sistema escolar onde os alunos de capoeira do grupo estão matriculados, apontando que a relação entre as instituições é profícua, e que é marcada pelos diálogos constantes e desta forma todos os envolvidos se beneficiam neste processo.

As outras pessoas entrevistadas, em resposta a essa pergunta, relataram que a capoeira tem que estar inserida no processo educativo de toda criança. Não somente a capoeira, mas também outras manifestações culturais que venham a somar com o processo educativo da criança e do adolescente. As manifestações culturais e as práticas desportivas na escola agregam aos alunos respeito, cidadania, contribuem para a melhoria do comportamento dos alunos, e que este trabalho tem que ser em conjunto e de forma contínua.

A respeito da pergunta de número 06, o entrevistado João Santana, respondeu:

Camila: E você acha que a capoeira pode contribuir para a construção de uma sociedade melhor?

João Santana: Pronto, aí sim. Nesse sentido eu colaboro, corroboro com a pergunta, eu acho que a capoeira não só pode é construir uma sociedade melhor, ela já construiu. A capoeira é fruto dessa, desse processo de construção de uma sociedade melhor porque a capoeira juntamente com o candomblé e com o samba é um dos principais elementos da luta por liberdade dos povos escravizados, então não tem como você dissociar as lutas das suas práticas culturais, as lutas dos povos negros das suas atividades culturais, então é no Brasil principalmente a vinda dos povos africanos, é eles trazem no seu navio juntamente toda a sua cultura, e a partir do momento do seu processo de escravização, até os dias atuais, eles continuam lutando, e a luta se dá através destes movimentos. O movimento negro, o movimento negro ele se, ele é preenchido disso, não é discurso teórico, é de prática. E essa prática se dá nos movimentos culturais, então para mim a capoeira não vai construir ainda numa perspectiva de futuro, ela está em processo, está construindo não só a capoeira que isso fique exposto, não só a capoeira, mas tudo que vem no bojo da cultura afro, todos os elementos que ela traz. (Entrevista realizada na cidade de Serrinha/BA, pela pesquisadora, em 16/06/2018).

Na resposta do entrevistado 1, em relação a esta pergunta, ele expõe que a capoeira está contribuindo para uma sociedade melhor, em conjunto com outras manifestações socioculturais oriundas do processo da diáspora africana, que mesmo em meio a diversas barreiras sociais e políticas, conseguem permanecer vivas até os dias atuais.

Ainda sobre essa pergunta, irei expor a resposta de Alisson de Jesus:

Camila: É, e você acha que a capoeira pode contribuir para a formação de uma sociedade melhor?

Alisson de Jesus: Falando por mim, eu creio que sim porque a capoeira também ela é um espaço de formação, ela é um espaço de formação onde tem, é seguidos bate papos, é seguidas vivências que passamos de um para o outro, e a gente não escolhe a quem passar, a gente não aponta o dedo e fala aquele ali tem que passar, não, a gente chega para todo mundo conversa com todo mundo, tenta passar para todo mundo do último que, do primeiro que entrou ao último que chegou dentro da capoeira todos nós somos iguais, então a gente quer que todos aprendam isso, essa vivência que a gente passa. E todo lugar que eu vou, que alguns integrantes do grupo que eu faço parte vai, a gente sempre convida, chama, para vir para a capoeira, para conhecer o espaço. Por que muitas vezes é a pessoa ela não conhece o espaço, às vezes até critica de uma certa forma né, mas por a pessoa não procurar entender um pouquinho do que se passa dentro da capoeira, como eu falei muitas vezes a pessoa acha que a capoeira é só perna para lá perna para cá, tocou tambor, berimbau, pronto e acabou. Não! A capoeira não é assim, onde eu, no espaço que eu dou aula mesmo um pai de uma aluna chegou para mim conversando e me explicando, que achava que capoeira era só jogar capoeira mesmo, é jogar perna que isso que aquilo, e conversando comigo e me agradecendo por a filha dele estar melhor dentro de casa, na escola, ele entendendo que é um espaço de aprendizado, de comunicação, então eu creio que sim, no meu ponto de vista. (Entrevista realizada na cidade de Serrinha/BA, pela pesquisadora, em 16/06/2018).

Na resposta transcrita acima Alisson de Jesus evidencia que a capoeira também é um espaço de formação do indivíduo, expondo a sua própria experiência de vida dentro da capoeira, de como em sua visão os ensinamentos são transmitidos para todas as pessoas sem distinções e que isto influi nas relações sociais de uma forma positiva. Relata também os agradecimentos de um pai de uma aluna que reconheceu a melhoria do comportamento da filha através dos conhecimentos obtidos por ela na capoeira, e, além disto, o entrevistado 2 também aponta que a capoeira se constitui como um momento de aprendizado, e de comunicação onde todos aprendem de forma coletiva.

As outras pessoas entrevistadas, em resposta a essa pergunta, afirmaram que a capoeira contribui sim para a construção de uma sociedade melhor, que ela é um dos maiores veículos de propagação da imagem e da cultura brasileira para o mundo, que ela está presente neste processo de formação de cidadãos, porém esta formação não acontece de uma hora para outra, são processos que demandam tempo, trabalho coletivo e contínuo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a relevância do tema, esta pesquisa teve o objetivo de analisar as experiências socioculturais existentes no grupo de capoeira CCCLP e os impactos que estes processos causam na sociedade em geral.

Para a realização desta monografia, além do levantamento bibliográfico realizado acerca da área pesquisada, também foi realizado um trabalho de campo na cidade de Serrinha/BA com observações no CCCLP, concomitantemente as entrevistas estruturadas com alguns os membros do grupo.

Esta pesquisa de cunho qualitativo tem a finalidade de mostrar as contribuições desta temática para a academia e toda a sociedade. As informações que foram colhidas durante a pesquisa, foram satisfatórias e expõem claramente os impactos positivos dos processos de ensino e aprendizagem ofertados pela capoeira para as pessoas que estão inseridas nela e como esses aprendizados adquiridos no seio destas práticas de capoeira, produzem consequências em todos os seguimentos sociais.

Na pesquisa os relatos dos entrevistados apontaram que a capoeira e os seus processos de aprendizagem contribuíram e contribuem efetivamente para qualificar as relações sociais dos indivíduos, bem como proporciona benefícios para a vida de cada pessoa, sendo estes refletidos no comportamento pessoal, no bem estar físico, psíquico, espiritual, ou em todos os aspectos e etc.

A conclusão final é que através do presente estudo foi possível analisar o contexto sociocultural da capoeira promovida pelo CCCLP e através disto expor a importância dessa prática para a sociedade local. Compreendendo que a capoeira não pode ser tratada apenas como um mero produto de uma prática, mas sim deve ser compreendida como um processo cultural que educa e emancipa as pessoas, uma verdadeira pedagogia de luta social, um espaço de organização política que luta pelos seus ideais dentro da sociedade brasileira. Trata-se de um espaço de saberes que produz muitos conhecimentos superando a estigmatização e mantendo a promoção de transformações sociais através da educação e reeducação dos indivíduos.

A capoeira é uma cultura viva que, mesmo enfrentando inúmeras dificuldades sociais e principalmente financeiras, se faz presente em diversos lugares, com grande disseminação social. São necessárias políticas públicas de fomento e incentivo para as práticas socioculturais ligadas à capoeira principalmente as que estão relacionadas diretamente com o fortalecimento dos processos identitários da população negra.

Adeus, adeus, boa viagem. Eu vou “me embora”, eu vou com Deus, boa viagem, e Nossa Senhora... Axé.

REFERÊNCIAS

1712 – Primeiro registro do termo Capoeira no Dicionário Português. Disponível em: <<https://jogodavidaweb.wordpress.com/2017/01/24/1712-primeiro-registro-do-termo-capoeira-no-dicionario-portugues/>>. Acesso em: 25 ago. 2018.

A atuação dos escravos de ganho na organização da cidade do Rio de Janeiro durante o século XIX. Para entender a história... ISSN 2179-4111. Ano 2, Volume jan., Série 11/01, 2011, p.01-11. Disponível em: <<http://fabiopestanaramos.blogspot.com/2011/01/atuacao-dos-escravos-de-ganho-na.html>>. Acesso em: 26 ago. 2018.

AMARAL, Gabriel Cardoso do. **A Capoeira dos Tempos de Outrora no Recôncavo Baiano.** Brasília/DF: INOVE, 2017.

AMORIM, Diego Uchoa de. **TEORIAS RACIAIS NO BRASIL:** um pouco de história e historiografia. (Artigo). 2014. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/cantareira/v3/wp-content/uploads/2014/11/e19a06.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2018.

ARAÚJO, Hugo Leonardo Esterci; FONSECA, Adriana De Castro. **CAPOEIRA E CIDADANIA: SEU PODER E ATUAÇÃO COMO INSTRUMENTO EDUCACIONAL EM AMBIENTE ESCOLAR.** 2010.

ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. **Capoeira, arte crioula.** (Artigo) 2012.

BARBOSA, Maria Rita de Jesus. **A influência das teorias raciais na sociedade brasileira (1870-1930) e a materialização da Lei no 10.639/03.** (Artigo). Revista Eletrônica de Educação, v. 10, n. 2, p. 260-272, 2016. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/viewFile/1525/502>>. Acesso em: 30 set. 2018.

BRAGA, Janine de Carvalho Ferreira; SALDANHA, Bianca de Souza. **CAPOEIRA: DA CRIMINALIZAÇÃO NO CÓDIGO PENAL DE 1890 AO RECONHECIMENTO COMO ESPORTE NACIONAL E LEGISLAÇÃO APLICADA.** 2012. Disponível em: <<http://publicadireito.com.br/publicacao/ufpb/livro.php?gt=263>>. Acesso em: 06 jun. 2018.

BRITO, Ênio José da Costa. **A negregada instituição: os capoeiras na corte imperial (1850-1890),** de Carlos Eugênio Líbano Soares, Rio de Janeiro: Access, 1999. (Resenha). Disponível em: <<https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reflexao/article/download/.../2138>>. Acesso em: 30 set. 2018.

CAMPOS, Hélio. **CAPOEIRA NA ESCOLA.** Salvador/BA: EDUFBA, 2001.

CAMPOS, Hélio. **CAPOEIRA NA UNIVERSIDADE.** Salvador/BA: SCT, EDUFBA, 2001.

Corte da Navalha. Associação Capoeira Lagoa Azul. Disponível em: <<https://www.letras.com.br/associacao-capoeira-lagoa-azul/corte-da-navalha>>. Acesso em: 02 out. 2018.

DÓRIA, Sérgio Fachinetti. **Ele não joga capoeira, ele faz cafuné:** histórias da academia do Mestre Bimba. Salvador/BA: EDUFBA, 2011.

É Bimba é Bimba. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/abada-capoeira/873115/>>. Acesso em: 07 set. 2018.

Elineide Silva de Jesus. [21 jun. 2018]. Entrevistadora: Camila Alves Rosa Santos. Serrinha, 2018. 1 arquivo .m4A (09min.).

João Santana. [16 jun. 2018]. Entrevistadora: Camila Alves Rosa Santos. Serrinha, 2018. 1 arquivo .m4A (23min.).

Márcio Oliveira de Freitas. [16 jun. 2018]. Entrevistadora: Camila Alves Rosa Santos. Serrinha, 2018. 1 arquivo .m4A (11min.).

Alisson de Jesus. [16 jun. 2018]. Entrevistadora: Camila Alves Rosa Santos. Serrinha, 2018. 1 arquivo .m4A (13min.).

Diomedes Raimundo Gomes de Almeida Júnior. [21 jun. 2018]. Entrevistadora: Camila Alves Rosa Santos. Serrinha, 2018. 1 arquivo .m4A (10min.).

ESTANISLAU, Jefferson. **O que é capoeira.** 2015. Disponível em: <http://www.rodadecapoeira.com.br/artigo/O-que-e-Capoeira/6>.

FERREIRA, Tarcísio José. **A CAPOEIRA NA ESCOLA: A LEI 10.639/2003 COMO POLÍTICA PÚBLICA AFIRMATIVA.** (Monografia) Brasília, 2014.

FRASES DE MESTRE PASTINHA. Disponível em: <<http://capoeiraunidosdofaisca.blogspot.com/p/frases-de-mestre-pastinha-me-chamo.html>>. Acesso em: 03 out. 2018.

GEEVERGHESE, Manoj. **O VALOR EDUCATIVO DA CAPOEIRA.** (Dissertação de Mestrado) Brasília: 2013.

PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **A CAPOEIRA NO JOGO DAS CORES: CRIMINALIDADE, CULTURA E RACISMO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO (1890-1937).** (Dissertação de Mestrado) Campinas-SP: 1996.

DIAS, Adriana Albert. **A MALANDRAGEM DA MANDINGA: o cotidiano dos capoeiristas em Salvador na República Velha (1910-1925).** (Dissertação de Mestrado) Salvador-Ba: 2004.

PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **OS INTELECTUAIS, A CAPOEIRA E OS SÍMBOLOS ÉTNICOS NO BRASIL.** Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/wordpress/24479.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. **Isabel**. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/mestre-toni-vargas/353001/>>. Acesso em: 07 set. 2018.

ITURRA, Raul. **O PROCESSO EDUCATIVO: ENSINO OU APRENDIZAGEM**. Disponível em: <https://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC1/Iturra.pdf>. 2009. Acesso em: 08 set. 2018.

JOMALINIS, Emília [org.]. **Mural Memória das Mulheres Negras**. Disponível em: <<http://www.pacs.org.br/files/2014/11/Mural-Mem%C3%B3ria-das-Mulheres-Negras.pdf>>. 2014. Acesso em: 30 jul. 2018.

José de Alencar. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_de_Alencar>. Acesso em: 26 ago. 2018.

Ka-á-Pueira de Angola. Disponível em: <<http://professorleiteiro.blogspot.com/2011/11/o-lendario-capoeirista-ciriaco-x-o.html>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

Lei Eusébio de Queirós. Disponível: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_Eus%C3%A9bio_de_Queir%C3%B3s>. Acesso em: 26 ago. 2018.

Leva eu pra. Disponível em: <<http://www.capoeira-music.net/all-capoeira-songs/all-capoeira-corridos-songs-l/leva-eu-leva-eu-pra-vadiar/>>. Acesso em: 07 set. 2018.

LIMA, Lucia Correia. **Mandinga em Manhattan**. Rio de Janeiro: MC&G, 2016.

MACHADO, Fulvio de Barros Pinheiro. **Brasil, a doce terra - História do Setor**. Disponível em: https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/Repositorio/historia_da_cana_000fhc62u4b02wyiv80efhb2attuk4ec.pdf. Acesso em: 08 ago. 2018.

Malandragem. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/professor-capu/1873876/>>. Acesso em: 07 set. 2018.

Malta (capoeira). Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Malta_\(capoeira\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Malta_(capoeira))>. Acesso em: 26 ago. 2018.

Martim Afonso de Sousa. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Martim_Afonso_de_Sousa>. Acesso em: 24 ago. 2018.

MARTINS, Everton Bandeira; CUNHA, Jorge Luiz da; SOSA, Derocina Alves Campos. **A EDUCAÇÃO COMO APOORTE DE SOCIALIZAÇÃO E CONSTITUIÇÃO DA CIDADANIA: COMPREENDENDO AS RELAÇÕES DE PODER COMO SUBSÍDIO TEÓRICO NA CONFIGURAÇÃO DOS PROCESSOS EDUCATIVOS**. 2009. Disponível em: <<http://repositorio.furg.br/handle/1/1437>>. Acesso em: 06 ago. 2018.

Migué. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/migu%C3%A9/>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

Minha varanda meu dendê. Disponível em: <<http://www.capoeira-music.net/all-capoeira-songs/all-capoeira-corridos-songs-m/minha-varanda/>>. Acesso em: 17 set. 2018.

MOREIRA, Jorge Felipe Fonseca; FERREIRA, Nilda Teves. **DA PROIBIÇÃO A INSTITUCIONALIZAÇÃO: O PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO DA CAPOEIRA.** 2008. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/efr/article/view/888>>. Acesso em: 06 ago. 2018.

MORESCO, Marcielly Cristina. **O CONCEITO DE IDENTIDADE NOS ESTUDOS CULTURAIS BRITÂNICOS E LATINO-AMERICANOS: UM RESGATE TEÓRICO.** Revista Interamericana de Comunicação Midiática, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/13570>>. Acesso em: 06 ago. 2018.

Navio negreiro. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/mestre-toni-vargas/546933/>>. Acesso em: 24 ago. 2018.

No dia que o berimbau chorou. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/abada-capoeira/1721235/>>. Acesso em: 07 set. 2018.

OCEC. Toques. Disponível em: <https://capoeiraocec.webnode.com.br/a-arte-capoeira/toques/>. Acesso em: 03 out. 2018.

OLIVEIRA, Irene Estevão de. **Os Fins do Processo Educativo.** Rio de Janeiro, 1969. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/curriculum/article/viewFile/61944/60109>>. Acesso em: 24 ago. 2018.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **CAPOEIRA, IDENTIDADE E GÊNERO.** Salvador/BA: EDUFBA, 2009.

Pego Bala De Café. Grupo Axé Capoeira. Disponível em: <<https://www.letras.com.br/grupo-axe-capoeira/pego-bala-de-cafe>>. Acesso em: 25/08/2018.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia:** Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei nº 10.639/03. Fortaleza: EdUECE, 2015.

POSPICHIL, Letieli Reis et al. **A capoeira e sua linguagem de expressão.** 2012. Disponível em: http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/e-ped/agosto_2012/pdf/a_capoeira_e_sua_linguagem_de_expressao.pdf. Acesso em: 25 ago. 2018.

Presidência da República. LEI Nº 12.519, DE 10 DE NOVEMBRO DE 2011. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20112014/2011/Lei/L12519.htm>. Acesso em 24 ago. 2018.

QUILOMBO DAS CAMÉLIAS homenagem à capoeiragem. Disponível em: <<https://quilombodascamelias.wordpress.com/tag/cintura-desprezada/>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

Quilombo dos Palmares. Juliana Bezerra. 2018. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/quilombo-dos-palmares/>>. Acesso em: 24 ago. 2018.

Roda de Capoeira e ofício dos mestres de capoeira. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. – Brasília, DF: Iphan, 2014.

Roda de Capoeira. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/66>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

SANTOS, Isabele Pires. **CAPOEIRA: EDUCAÇÃO E IDENTIDADE ÉTNICOCULTURAL EM GRUPOS/ACADEMIAS DA CIDADE DE SALVADOR-BA.** Feira de Santana/BA, 2004. Disponível em: http://www.geocities.ws/capoeiranomade3/Capoeira_educacao_e_identidade_etnico-cultural_em_grupos_academias_da_cidade_de_Salvador-BA-Isabele_Santos.pdf. Acesso em: 17 ago. 2018.

SILVA, Marconi Machado da et al. **A capoeira como elemento de socialização e projetos sociais: o dito e o praticado.** 2016. Disponível em: <<http://www.faculadadedofuturo.edu.br/revista1/index.php/remas/article/view/90>>. Acesso em: 04 set. 2018.

SIMÕES, Rosa Maria Araujo. **CAPOEIRA: IDENTIDADE CULTURAL.** Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal6/Geografiasocioeconomicas/Geografiacultural/121.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2018.

SIMPLÍCIO, Franciane; POCHAT, Alex [org.]. **Pensando a capoeira: dimensões e perspectivas.** Rio de Janeiro: MC&G, 2015.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **Dos fadistas e galegos: os portugueses na capoeira.** 1997. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1221841940O8hRJ0ah8Vq04UO7.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2018.

SOUZA, Maristela de et al. **DIDÁTICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA.** 4. ed. IJUÍ: Ed. Unijuí, 2016.

Toda bahia chorou. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/abada-capoeira/1681951/>>. Acesso em: 07 set. 2018.

Urucungo. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/urucungo/>>. Acesso em: 26 ago. 2018.

Vicente Ferreira Pastinha, mestre de capoeira e filósofo popular. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/?p=41316>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

VIDOR, Elisabeth; REIS, Letícia Vidor de Sousa. **CAPOEIRA:** uma herança cultural afro-brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2013.

VIEIRA, Ricardo. **Processo educativo e contextos culturais:** notas para uma antropologia da educação. Portugal: 2006. Disponível em: <revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/download/490/359>. Acesso em: 09 set. 2018.